

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**FAMÍLIA X ESCOLA: A QUESTÃO DOS LIMITES À CRIANÇA NA  
PERSPECTIVA DE PAIS E PROFESSORES**

**ELIZABETH REGINA CARNEIRO BARBOSA**

**Recife  
2005**

**ELIZABETH REGINA CARNEIRO BARBOSA**

**FAMÍLIA X ESCOLA: A QUESTÃO DOS LIMITES À  
CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE PAIS E PROFESSORES**

Dissertação apresentada como requisito final para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica na linha de pesquisa Construção da Subjetividade na Família.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Maria de Souza Brito  
Dias

Recife/2005

B238f

Barbosa, Elizabeth Regina Carneiro

Família x escola : a questão dos limites à criança na  
perspectiva de pais e professores / Elizabeth Regina Carneiro  
Barbosa ; orientadora Cristina Maria de Souza Brito Dias, 2005.  
65 f. : il

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2005.

1. Psicologia clínica. 2. Família. 3. Crianças - Conduta. 4. Pais  
e filhos. 5. Pais e professores. 6. Psicologia infantil. I. Título.

CDU 159.922.7

FAMÍLIA X ESCOLA: A QUESTÃO DOS LIMITES À  
CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE PAIS E PROFESSORES

ELIZABETH REGINA CARNEIRO BARBOSA

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Dr. ANTÔNIO PEREIRA FILHO

---

Professora Dra. CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

---

Professor Dr. MARCUS JÚLIO CALDAS

## **AGRADECIMENTOS**

A Todos

Aos que me deram a vida e me ensinaram a acreditar na humanidade,

Aos que me deram conhecimentos e me transmitiram sua crença no saber,

Aos que me deram compreensão e me ensinaram a ter fé no amor.

Aos que me deram as mãos e me ensinaram a ter esperança nos desígnios humanos.

Aos meus pais, cônjuge, filhas, irmão, sobrinhos, amigos e professores do Mestrado de Psicologia Clínica.

Minha gratidão.

**ELIZABETH BARBOSA**

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

Para você, CRISTINA BRITO, que sempre esteve junto a mim, me motivando para concluir a pesquisa, estimulando, encorajando e acreditando em meus talentos, principalmente nas horas mais difíceis de dúvidas e incertezas que acompanham a elaboração de um trabalho científico.

Para você, CRISTINA BRITO, que sempre me apoiava e me indicava o lado belo da vida, e mostrou que, apesar dos momentos obscuros, ainda vale a pena a luta. Sem a sua compreensão e cooperação, jamais eu teria cumprido a minha missão, concluindo este Mestrado.

Para você, CRISTINA BRITO, um forte abraço psicológico do fundo do meu coração. Queira receber, também, os aplausos e agradecimentos de minha querida família.

De sua aluna e admiradora de seu trabalho.

**ELIZABETH BARBOSA**

*Para que haja disciplina é preciso que “façamos discípulos”, o que só conseguimos através do estabelecimento de uma relação de afeto, que nada mais é do que “fazer uma declaração de amor àqueles a quem precisamos dar limites”.*

*Luiz Schettini*

## RESUMO

A motivação para realizar a presente pesquisa decorre da necessidade de uma melhor compreensão sobre a relação entre a Família e a Escola, no que diz respeito ao estabelecimento de limites à criança. Os limites aqui estão sendo tomados como sinônimo de disciplina. Durante muito tempo, atuando em uma instituição particular de ensino, observou-se a existência de muitos conflitos entre pais e professores quando o tema em foco é disciplina. Isso implica que os pais argumentam, com a maior naturalidade, que não sabem mais que procedimentos adotar para disciplinar seus filhos e os professores, na maioria das vezes, não sabem o que fazer ou que atitude tomar ao verem um aluno agitando na sala-de-aula. Em decorrência das inquietações relatadas anteriormente, cresceu a necessidade de investigar a concepção que os pais e os professores têm acerca dos limites que poderão ser aplicados às crianças, especialmente em decorrência de seus comportamentos inadequados. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa qualitativa, com 15 educadores (sendo cinco professores, cinco mães e cinco pais) que tinham seus filhos ou alunos matriculados regularmente no Ensino Fundamental-I de escolas particulares. Através das entrevistas realizadas, foi possível observar a dificuldade que os pais e os professores vêm sentindo quando o tema em pauta é disciplina. Por outro lado, nota-se uma convergência acerca da concepção de limites, bem como das repercussões que sua falta pode acarretar. Pode-se também constatar a influência das concepções de gênero, da mídia e das pressões às quais as pessoas são submetidas na sociedade atual: os pais sendo absorvidos pelo trabalho e outras preocupações do dia-a-dia; os professores sendo obrigados a tratar os alunos como clientes, devido à competitividade entre as escolas particulares, que precisam dos alunos, e queixosos da falta de sua educação doméstica. Acredita-se que esta pesquisa possa oferecer uma contribuição aos profissionais e estudiosos interessados nos temas família e escola. Tem-se a certeza de que ela não é conclusiva e ainda haverá muito que pesquisar e aprender ante a complexidade do assunto, sua abrangência e importância nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Família, escola, limites, criança.



## ABSTRACT

The motivation to carry through to present research elapses of the necessity of one better understanding on the accomplishment between the Family and the School, in what it says respect to the establishment of limits to the child. During much time, acting in a private institution of education, it of many conflicts between parents was observed existence and professors when the subject in focus is discipline. This implies that the parent argue, with the biggest naturalness, who do not know than procedure more to accept to discipline its. children and professors, in the majority of the times, they do not know what to make or that attitude to take when seeing a pupil “agitating” in the classroom. Succeeding the told fidgets previously, the necessity increased to investigate the conception that the parents and the professors have concerning the limits that could be applied the children, especially succeeding its inadequate behaviors. In this direction, a qualitative research was carried through, with 15 educators (being five professors, five mothers and five fathers) that had its children or pupils registered the basic education of private schools regularly. Because of the carried through interviews, was possible to observe the difficulty that the parents and professors come feeling when the subject in guideline discipline. On the other hand, a convergence concerning the conception of limits is noticed, as well as of the repercussions that its lack of limits can cause. The influence of the conceptions a sort can also be evidenced, of the media and of the pressures to which they are submitted in the current society. The parents bring absorbed by the work and other concerns of day-by-day; the professors bring obliged to treat the pupils as customers, had the competitiveness between the private schools that they need the complaining pupils and of the lack of domestic education give credit that this research can offer a contribution to the studious professional and interested in the subjects family and school. It is had certainty of that it is not conclusive, and still will have very what to search and to learn it enters the complexity of the subject, its extension and the importance of the current days.

**Word-key: Family, school, limits, child.**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
1. A TEORIA GERAL DOS SISTEMAS APLICADA À FAMÍLIA E À ESCOLA .....	11
2. A DINÂMICA DOS LIMITES À CRIANÇA NOS DIAS ATUAIS E NA FAMÍLIA .	17
3. A DINÂMICA DOS LIMITES NA ESCOLA .....	26
4. OBJETIVOS E METODOLOGIA DO ESTUDO .....	35
4.1 Objetivos .....	35
4.2 Metodologia .....	36
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....	38
5.1. Síntese das entrevistas .....	42
5.2. Análise geral das entrevistas .....	44
5.2.1 Análise Geral das Entrevistas com as Professoras .....	44
5.2.2 Análise Geral das Entrevistas com as mães .....	48
5.2.3 Análise Geral das Entrevistas com os pais .....	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	58
ANEXOS:	
ANEXO 1 Roteiro de entrevistas com os pais .....	62
ANEXO 2 Roteiro de entrevistas com os professores .....	63
ANEXO 3 Termo de consentimento .....	64
ANEXO 4 Aprovação pelo Comitê de Ética da UNICAP .....	65

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é decorrente de nossa experiência ao lidar com crianças e professores na escola e com orientações aos pais, na qual tivemos oportunidade de observar e acompanhar crianças em diversas fases da escolaridade.

Percebemos a existência de muitos conflitos e abordagens distintas entre professores e pais de alunos quando o tema em foco é disciplina. Os questionamentos, as dúvidas e as opiniões expostas na mídia e nas reuniões de pais e professores, bem como a literatura específica sobre esse tema aumentaram, o que reflete sua importância.

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, nem a família delegar total responsabilidade de educar para a escola. Na prática isto não se verifica: o que se constata é uma interferência contínua entre os dois, em que cada um culpa e espera do outro a resolução dos conflitos, como é o caso é o estabelecimento da disciplina ou limites. É comum ver professores não saberem mais como lidar com alunos que estão agitando em sala de aula. Paralelamente, os pais argumentam, com a maior naturalidade, que não sabem mais qual procedimento adotar para entender e disciplinar seu filho!

Nesse momento, achamos pertinente definir cada termo que será adotado no presente trabalho: Disciplina é um conjunto de prescrições ou regras destinadas a manter a boa ordem em qualquer organização; obediência à autoridade, observância de normas ou preceitos. Limite: linha de demarcação entre terrenos ou territórios contínuos ou próximos, fronteira. Regra: princípio, norma, prescrição, preceito, lei, exemplo, modelo\*. A indisciplina, por sua vez, é a falta de obediência a esse conjunto de prescrições ou regras destinadas a manter a ordem em qualquer organização.

Nesse trabalho, adotaremos o termo limite como sinônimo de disciplina, a qual, por sua vez, implica no estabelecimento de regras que garantem a boa convivência entre os indivíduos.

Como forma de ilustrar os conflitos vivenciados, ora pelos pais, ora pelos professores, relataremos algumas falas que refletem o cotidiano da escola e da família: “Professora, por favor, coloque o Alex de castigo; não o deixe brincar, porque ele não fez a tarefa e está muito desobediente.”



Esse trecho é de uma mãe de aluno do Ensino Fundamental-I, que nos mostra, de uma maneira bastante clara, como a família tem delegado para a escola a tarefa de disciplinar a criança quando ela faz algo errado. Demonstra, ainda, como a mãe não sabe lidar com a desobediência do filho, considerando que a solução está em recorrer à professora.

Na escola, por sua vez, observamos que vários alunos não respeitam seus professores e esse comportamento compromete tanto o ensino quanto a aprendizagem. O seguinte comentário feito por uma professora ilustra a questão: “Tem coisas que aqui na escola não pode, mas mesmo assim, o aluno insiste em fazer. Às vezes, eu me sinto uma madrasta”.

Nessa fala podemos perceber como os orientadores e os professores têm dificuldades para estabelecer limites em sala-de-aula e não sabem quando, e até que ponto, devem intervir nos comportamentos inconvenientes apresentados por seus alunos.

Este fato foi capa da Revista Veja, em um artigo denominado “Com medo dos alunos” (COSTAS, 2005), o qual aborda vários depoimentos de professores que estão desgostosos com a profissão, e até mesmo, abandonando-a, devido à falta de disciplina por parte dos alunos. Estes têm chegado ao ponto de ameaçar, e até mesmo bater nos professores, quando são questionados ou limitados por eles.

Diante do que foi colocado até o momento, salientamos a necessidade de se estabelecer uma relação positiva entre os sistemas família e escola, tendo em vista que, na atual sociedade, verificamos muitas dificuldades no estabelecimento das funções de cada um. Todavia, para que seu sucesso seja exequível é indispensável que família e escola tenham suas funções definidas e executadas adequadamente, visto que essas instituições têm uma missão extremamente nobre, qual seja a formação do ser humano.

O objetivo desse estudo, portanto, é investigar a concepção que os pais e os professores têm acerca do estabelecimento dos limites que poderão ser aplicados às crianças em decorrência de seus comportamentos inadequados.

Este trabalho foi organizado, em capítulos, da seguinte forma: o primeiro consiste numa breve explanação sobre a “Teoria Geral dos Sistemas, aplicada ao estudo da família e da escola”; o segundo versará sobre a “Dinâmica dos limites à criança nos tempos atuais e na família”, onde serão abordados os principais estudos da disciplina no ambiente familiar; o terceiro tem como título “A dinâmica dos limites na escola”, no qual serão abordadas as principais visões do referido tema dentro da escola. No capítulo quatro

apresentamos a “Metodologia e os objetivos do estudo” e no cinco, “Apresentação e Discussão dos Resultados”. Finalmente, o sexto capítulo consta das considerações acerca do trabalho realizado.

Esperamos contribuir com um maior conhecimento acerca dessa questão que inquieta a todos, além de nos capacitarmos melhor para lidar com os educadores (pais, orientadores e professores) e com as próprias crianças.

## 1. A TEORIA GERAL DOS SISTEMAS APLICADA À FAMÍLIA E À ESCOLA

A Teoria dos Sistemas inclui tanto a Teoria Geral dos Sistemas (TSG), que tem como precursor Bertalanffy, como a Cibernética, cujo expoente foi Norbert Wiener. Ela surgiu no mesmo período que a Teoria da Comunicação, cujos precursores foram Gregory Bateson, Don Jackson e Paul Watzlawick, e foram fundamentais para o surgimento da Terapia Familiar. Neste capítulo nos deteremos na TSG, que foi desenvolvida na Europa, em 1920, pelo biólogo alemão Ludwig Von Bertalanffy. Ele a apresentou, pela primeira vez, em 1937, no Seminário de Filosofia de Charles Morris, na Universidade de Chicago. É uma teoria que se propõe a substituir os fundamentos mecanicistas da ciência pela visão holística, porém, só após a Segunda Guerra Mundial, surgiram as primeiras publicações sobre o assunto.

Vale salientar que alguns autores usam indiscriminadamente os termos Teoria Sistêmica e Teoria Geral dos Sistemas (TONDO, 1998). Segundo Bertalanffy (1975), uma das mais importantes interferências na construção das noções que propiciaram a elaboração da Teoria Geral dos Sistemas foi a necessidade do desenvolvimento de uma outra visão para conceber os acontecimentos, resultante do fracasso dos métodos científicos tradicionais, quando se tratava de um objeto complexo. A ênfase nas partes, adotada como método de análise científica até então, mostrou-se insuficiente para a compreensão das inter-relações. A insatisfação com os modelos teóricos e de pesquisa que tinham por base os pressupostos cartesianos era mais evidente nas ciências biopsicosociais.

A concepção grega do mundo era estática, sendo as coisas consideradas reflexos de arquétipos ou idéias eternas. Por conseguinte, o problema central da ciência era a classificação, cujo “organon” fundamental é a definição de subordinação e superordenação dos conceitos. Na ciência moderna, a interação dinâmica parece ser o problema central em todos os campos da realidade (BERTALANFFY, 1975, p. 125).

Na Psicologia, como defendeu Tondo (1998), a Teoria Sistêmica foi apresentada e introduzida a partir da Terapia Familiar e da Psicologia Institucional. Entretanto, a amplitude fornecida pela teoria vai além desta ciência ou da própria terapia.

A abordagem teórica é sistêmica-cibernética, quer dizer que procuramos enfocar e entender a família como sistema, colocando a ênfase no inter-psíquico, relacional, com atenção especial ao contexto (MACEDO, 1995, p. 141).

Desde a referida década, pesquisadores de várias áreas do conhecimento começaram a elaborar conceitos que permitissem inter-relacionar o contexto com o que nele acontece e, desta forma, penetrar no estudo da complexidade das relações. Um outro teórico que se destacou enfatizando a complexidade foi Edgar Morin.

Segundo Morin (citado por PETRAGLIA, 1995) a palavra complexidade lembra problema e não solução. Não é utilizada para designar idéias simples, nem tampouco se reduz a uma linha ou vertente do pensamento. O pensamento que é complexo não pode ser linear. A complexidade integra os modos simplificadores do pensar e, conseqüentemente, nega os resultados mutiladores, unidimensionais e reducionistas. O pensamento complexo é aquele capaz de considerar todas as influências recebidas, internas e externas.

Durante toda sua vida, Morin (citado por PETRAGLIA, 1995) foi animado e inspirado pela necessidade de romper com a idéia de um saber parcelado, acreditando na incompletude de todo e qualquer conhecimento. Por isso fala da incerteza da ciência e da importância em distinguirmos os diferentes aspectos do nosso pensamento, mas jamais os isolando, separando-os entre si. É este o cerne do pensamento complexo: distinguir, mas não separar.

Segundo Carter e McGoldrick (1995, p. 8): “a família compreende todo sistema emocional de pelo menos três e, agora mais freqüentemente, quatro gerações, pelo prolongamento da expectativa de vida”. Dada a grande complexidade do contexto familiar, têm surgido novas e diferentes abordagens e experiências, sendo a Teoria Sistêmica uma delas.

Reconhecer relações e inter-relações, compreender como o elemento constitui o contexto são os fenômenos os quais a Teoria Sistêmica pretendia dar conta. Com um olhar sistêmico, trabalha-se com noções do todo e da parte, sendo o todo entendido como aquele que ultrapassa o funcionamento isolado das partes mantendo-se, desta forma, a máxima gestáltica: “o todo é mais do que a soma das partes”.

O sistema, por sua vez, pode ser definido como um todo organizado constituído de elementos que só são definíveis através da relação de uns com outros dentro de uma totalidade. Ao sistema não cabe uma imagem simples, mas complexa. Além de complexo, o sistema é paradoxal: tomando-se o sistema como um todo, ele é uno e homogêneo; considerando-se as suas partes, é múltiplo e heterogêneo (MORIN, 1977, citado por TONDO, 1998).



No grupo familiar e na escola cada elemento que o compõe é um subsistema, assim como as díades: marido-mulher, pai-filho(a), mãe-filho(a), irmão-irmã, professor-aluno(a), professora-pais, entre outras.

Os sistemas vivos, portanto, são compostos de partes que constituem, elas próprias, os subsistemas, e que se relacionam com outros sistemas em organizações ainda mais vastas. Qualquer sistema dado pode ser dividido em vários subsistemas e um objeto de um subsistema pode fazer parte do meio de um outro sistema, como é o caso dos sistemas família e escola.

As relações entre os subsistemas são governadas por regras e constituem padrões de interação. Estes seriam os modos resultantes das interações tanto intra como inter-sistemas, incluindo aqui o sistema social amplo. Destarte, as regras são formadas nas próprias relações, envolvendo todos os participantes. Elas também são recorrentes e tendem à estabilidade, sendo mantidas por todo o sistema.

Bertalanffy (1975) apresentou a idéia de sistemas fechados e abertos, postulando que o *sistema fechado* é aquele em que não existe intercâmbio como o meio, ou seja, está orientado para o progressivo caos interno desintegração e morte. Já o *sistema aberto* é definido como um sistema que troca matéria, informação ou energia com seu ambiente, apresentando importação e exportação, construção e demolição dos materiais que o compõem. Assim, os organismos vivos são essencialmente abertos, uma vez que se mantêm com *inputs* contínuos advindos do ambiente e *outputs* dirigidos para o ambiente.

Segundo a citada teoria, a família pode ser considerada um sistema aberto, devido ao movimento de seus membros dentro e fora da interação de uns com os outros e com os sistemas extra-familiares, num fluxo constante de informação, energia e material. Os comportamentos e as ações de um dos seus membros tanto influenciam como são influenciados pelos dos outros. Assim sendo, a família, enquanto unidade sistêmica, se apresenta como sendo a base do processo de individuação de seus membros e, por sua vez, é também influenciada por eles (BUCHER, 1999). E acrescentaríamos que o mesmo se aplica à escola.

Esse processo de separação-individuação necessita que a família vivencie diversas fases de desorganização, na proporção em que o equilíbrio de um estágio é rompido em preparação para um estágio mais adequado. As fases de instabilidade, marcadas por confusão e incerteza, revelam a passagem para um novo equilíbrio

emocional, caso a família seja capaz de tolerar a diferenciação de seus membros (ANDOLFI, 1981).

Segundo Figueiredo e Dias (1996) o sistema é composto por quatro componentes, quais sejam: 1) objetos: refere-se às partes ou componentes do sistema; 2) atributos: correspondem às propriedades do sistema e seus objetos; 3) relações internas: denotam que a qualidade essencial do sistema implica em um efeito mútuo; 4) meio-ambiente: diz que os sistemas não existem no vácuo, mas são afetados pelo meio ambiente onde estão inseridos. As citadas autoras descreveram também as propriedades dos sistemas que são as seguintes:

1) Totalidade ou globalidade: diz que o sistema constitui um todo único. No sistema, o todo consiste na integração das partes, ou seja, não pode ser considerado apenas como a soma de suas partes, posto que existem padrões de interação que transcendem as qualidades dos membros individuais. Neste sentido, tanto a família como a escola são espaços atuantes de comunicações, nos quais todos os membros influenciam e são influenciados pela natureza de todo o sistema.

2) Interdependência: ou seja, toda e qualquer parte de um sistema está relacionada de tal modo com as demais partes que uma mudança numa delas provocará alteração em todas as partes e no sistema geral. Aqui, fica evidente que numa família em que ocorre o ingresso da criança na escola – mesmo isto sendo planejado – ocasiona mudanças na dinâmica da vida familiar, uma vez que o comportamento de todo indivíduo está relacionado entre si e depende do comportamento de todos os outros.

3) Hierarquia: denota que os sistemas complexos consistem em certo número de subsistemas. O indivíduo pode ser considerado um ser social composto hierarquicamente de células, órgãos e corpo, constituindo parte de uma sociedade, cultura e grupo. No grupo familiar e na escola há uma série de papéis a serem desempenhados por seus membros. Nesse sentido, pode-se dizer que, na escola, os professores da criança passam da função de serem apenas professores para a função semelhante à de pais, requisitando, portanto, uma nova posição que os diferencia dos demais. A escola constitui uma etapa do desenvolvimento da criança que envolve uma série de mudanças nos níveis afetivo e relacional. Implica uma vivência tanto individual como grupal e familiar, a qual exigirá o desenvolvimento de novos papéis: da mãe, do pai, dos coordenadores, dos professores, entre outros.

4) Auto-regulação, Retro-alimentação ou Controle: implica que, numa perspectiva teleológica (filosofia que atribui os acontecimentos a futuras metas ou fins a serem atingidos), os sistemas são vistos como organismos orientados para determinadas metas, governados por seus propósitos. O que ocorre num sistema é controlado por suas finalidades. As partes de um sistema devem comportar-se de acordo com suas regras e têm de adaptar-se ao meio ambiente na base de *feedback*. Vale ainda salientar que o feedback pode ser negativo ou positivo. O *feedback negativo* é uma mensagem de erro, ou seja, um desvio em relação a um nível de critério em que o sistema ajusta-se reduzindo ou neutralizando o desvio. Entretanto, quando o sistema responde aumentando ou mantendo o desvio, diz-se que o *feedback é positivo*.

5) Intercâmbio com o meio ambiente: denota que o sistema aberto interatua com o meio ambiente, afetando-o e sendo afetado por ele. Nesse sentido, absorve e desprende matéria e energia. Por esse motivo, se diz que os sistemas possuem *inputs* (alimentação) e *outputs* (descarga, produto). Como a família é um sistema aberto e mantém interação permanente com o meio social, com o passar do tempo vai desenvolvendo padrões de interação. Esses padrões se transformam na estrutura familiar que, por sua vez, governa o funcionamento dos seus membros. Segundo a propriedade agora considerada é necessário reconhecer o ambiente que circunda o subsistema pais-professores, para melhor compreender a dinâmica das relações estabelecidas na família e na escola.

6) Equilíbrio ou Homeostase: está relacionada com a auto-regulação e a organização sistêmica. O sistema aberto deve manter-se, permanecer em equilíbrio e não se desfazer. A introdução de novos membros no grupo familiar, como é o caso dos professores e outros funcionários da escola, pode vir a romper a sua estrutura de funcionamento, exigindo uma reorganização que possui como meta a busca pelo equilíbrio.

7) Mudança e Adaptabilidade: postula que o sistema deve ser adaptável, uma vez que os ambientes mudam com o passar do tempo. Essa adaptabilidade é, amiúde, realizada pela característica homeostática. Os sistemas sócio-culturais, por exemplo, necessitam ter a capacidade de efetuar mudanças e de se reordenarem em decorrência de pressões ambientais. Tanto a família como a escola está em permanente mudança e necessitam se adaptar a elas.

8) Equifinalidade: significa a realização da meta ou execução da tarefa atribuída a um sistema. Deste modo, um certo estado final pode ser alcançado de muitas maneiras e de vários pontos iniciais diferentes. Como exemplo, uma mãe pode em sua casa, apresentar

à sua filha a mesma informação básica (*input*) acerca do exercício escolar, de maneiras diversas, para obter um resultado final (*output*) que é a realização da tarefa de casa passada pela professora.

O sistema familiar que possuir membros na escola, por exemplo, vivencia mudanças em sua estrutura e organização que, muitas vezes, pode provocar rompimento nas alianças estabelecidas entre os familiares.

Entender o indivíduo como parte de um sistema, ou um todo organizado com elementos que interagem entre si, traz uma luz à compreensão acerca do desenvolvimento humano, contribuindo para a reflexão sobre os contextos familiar e escolar, que tanto podem ser elementos de continência, inclusão e segurança como fonte de conflitos, incluindo-se entre estes a dificuldade de colocar limites à criança.

Embora tenha sofrido críticas, como ocorre com qualquer teoria, a Teoria Sistêmica, presentemente, continua exercendo a função de um poderoso recurso nas explorações e práticas desenvolvidas em vários campos do saber. Na Psicologia ela tem sido importante, especialmente, nos campos da Psicologia Institucional e da Terapia Familiar.

Esteves de Vasconcelos (2003) propõe ir além das denominações Teoria Sistêmica e Teoria Geral dos Sistemas defendendo que o Pensamento Sistêmico é o novo paradigma da ciência. Ele compreende três pressupostos: 1) a crença na complexidade, implicando que agora não se vê mais o fenômeno isolado do seu contexto, coisa que acontecia no modelo da ciência clássica; 2) a crença na instabilidade, consistindo no fato de que o mundo está sempre “em processo de tornar-se”, ou seja, ele não se encontra acabado (ESTEVES DE VASCONCELOS, 2002, p.4); 3) a crença na intersubjetividade, isto é, não existem realidades objetivas, nós as construímos à medida que interagimos com o mundo. Isso significa que a realidade não é independente do observador e só conversando e interagindo é que vamos construindo e fazemos emergi-la.

Tendo discorrido neste capítulo sobre o paradigma sistêmico, passamos agora a abordar a questão dos limites que devem ser colocados à criança por parte da família.

## 2. A DINÂMICA DOS LIMITES À CRIANÇA NOS TEMPOS ATUAIS E NA FAMÍLIA

A arte de educar é complexa: cada nova fase do crescimento da criança é um desafio à criatividade e à flexibilidade dos educadores, de acordo com as mudanças de padrões de condutas e de atendimento às necessidades e solicitações da criança. Para que a educação aconteça de maneira natural, é necessário que os adultos cresçam junto com as crianças, respeitando e acompanhando cada fase do seu desenvolvimento, desde a total dependência do recém-nascido, até sua total independência ao ingressar no mundo adulto.

Segundo Maldonado (1981), para desempenharmos qualquer tarefa no nosso dia-a-dia é necessário um preparo, um treinamento significando que as pessoas estudam anos a fio para exercerem uma profissão. No entanto, na maioria das vezes, a única bagagem de que os pais dispõem para educar uma criança é a sua experiência de filhos. Isso, porém, não é o bastante. Frequentemente nos deparamos com situações que nos levam a fazer coisas com os filhos que não gostaríamos, tais como: gritar, castigar ou falar algo que não devíamos, e depois nos arrependemos e juramos para nós mesmos não mais agir dessa forma. Ou mesmo repetir frases ou ações que reprovávamos em nossos pais, mas que acabam saindo automaticamente, o que nos torna confusos e perdidos sem saber como agir.

Para a citada autora, até meados do século passado, as regras estabelecidas por nossos antepassados para a educação dos filhos eram inquestionáveis. Os pais e os professores puniam e castigavam como direito legítimo do educador. Era dever dos educadores corrigir, mesmo com rigor físico, as rebeldias infantis. Aqueles que não corrigissem seus filhos e alunos seriam questionados pela sociedade e até responsabilizados pelos danos materiais e morais provocados por eles.

Os pais e os professores atuais, em grande parte, são descendentes de uma geração que foi bastante reprimida, principalmente entre as décadas 1930-1960. A liberdade do indivíduo era submetida à autoridade e exercida diretamente por coação: “Se não fizeres assim serás castigado”. De acordo com Rossini (2002), por volta dos anos 70, os pais e os professores decretaram “não” ao autoritarismo e passaram a permitir tudo, numa ânsia desesperada pela liberdade. O lema agora era: “É proibido proibir”.

Com a defesa da liberdade em todos os sentidos, apregoada durante a década de 70, constatou-se o surgimento de uma nova maneira de educar que trouxe conseqüências

inesperadas. Algumas crianças ficaram desobedientes, não respeitando seus pais e professores, muitas vezes deixando de estudar, não querendo assumir compromissos profissionais, tornando-se rebeldes e, por conseqüência, alvo fácil de grupos indesejáveis e influências de amigos.

Silva (2003) ressalta que vivemos uma crise de autoridade em que as relações verticais e hierárquicas, próprias dos tempos pré-modernos, deram lugar a uma tendência à horizontalização e igualdade nas relações sociais mais coerentes com o projeto democrático da modernidade. Esta relação de igualdade está se impondo na família, na escola, nas organizações e nas instituições, de tal forma que assumir a autoridade está se tornando bastante difícil.

Além disso, a própria estrutura familiar tem passado por transformações radicais, desde o papel desenvolvido pelos pais, onde o pai passou a se envolver em afazeres domésticos e a mãe a se envolver em atividades fora do lar. Com isso, modificou-se também o papel do pai e da mãe diante da família nuclear, que tem sido progressivamente substituído pela família extensiva, onde os avós, os tios e os parentes em geral, passaram a desenvolver funções antes atribuídas aos pais (BUCHER, 1999). Outra ocorrência comum é deixar a criança aos cuidados de pessoas quase sempre pouco qualificadas, como é o caso de babás e empregadas domésticas, ou mesmo qualificadas, como é o caso dos professores, porém com outros valores que não o dos pais, o que supõe a necessidade de um diálogo e uma interação constante entre eles.

As próprias condições tecnológicas e ambientais, como é o fato de criar os filhos num apartamento, implica em maior interação com a criança e em maiores restrições ao seu comportamento, gerando inúmeros conflitos e impasses. É bem diferente quando se dispõe de mais espaço como o de uma casa, onde a criança dispõe de mais liberdade para dispende suas energias. Tudo isso provoca grandes modificações na forma de criar os filhos: eles assistem televisão durante horas seguidas, quando não, ficam no videogame ou no computador, perdendo, muitas vezes, a oportunidade de se distrair com outras crianças ou com outras brincadeiras. Queremos enfatizar com isso a complexidade do que é educar nos dias de hoje. As mães, que antes se dedicavam inteiramente ao lar, agora contribuem com o orçamento doméstico e cumprem jornadas de trabalhos prolongadas, na tentativa de que nada falte aos filhos e à família. Muitos pais, após um dia de trabalho exaustivo, ao chegarem em casa pensam: “Eu já fiquei longe do meu filho o dia todo! Coitadinho! Por que não permitir que ele faça suas vontades?” E a culpa por essa ausência leva os pais a

uma compensação perigosa. Um dia concedem por cansaço, outro por culpa... E as concessões vão acontecendo, sem se darem conta de quantas vezes e com que intensidade. Agora um alerta é importante: a concessão pode transformar-se em um direito adquirido (ROSSINI, 2002).

Silva (2003) também salienta que estamos vivendo numa cultura em que o tempo dedicado aos filhos parece insignificante, em comparação com os demais compromissos, o que pode levar os pais a uma relação de dívida para com os mesmos. Assim, os pais buscam compensá-los de outras maneiras, já que não correspondem àquela paternidade por eles mesmos idealizada.

Segundo a citada autora, atualmente os educadores (pais, professores, orientadores) estão expostos a uma massa de informações em livros, artigos de jornais, revistas, tv, cinema, palestras, os quais, freqüentemente, confundem mais do que ajudam e são até mesmo contraditórios, o que torna os pais e os professores inseguros, desorientados e indefinidos nos seus papéis. A grande preocupação com o que se deve fazer para garantir o bom desenvolvimento emocional da criança muitas vezes embota a espontaneidade, a intuição e o bom senso dos mesmos. Vale ressaltar ainda que a interpretação equivocada de teorias psicológicas gera manejos incorretos como o excesso de permissividade, erroneamente utilizados para “não traumatizar a criança”.

Segundo Schettini (1995), Tiba (1996), Zagury (2001), Maldonado (2002), Rossini (2002) e Silva (2003), a educação se processa através do estabelecimento de limites, que é uma ferramenta primordial para o desenvolvimento saudável das crianças, no sentido de torná-las cidadãs de bem. Para que isso ocorra, elas precisam de segurança e referências para o que podem e o que não podem fazer. Estabelecer limites às ações de qualquer ser humano serve para prevenir sua integridade pessoal e a do grupo ao qual pertence. É a partir do convívio com os familiares que as crianças aprendem a se comportar em sociedade. Os limites vão permitir que a criança, pouco a pouco, conquiste seu espaço, sua autonomia e independência para chegar à adolescência responsável por seus atos e decisões.

Estabelecer limites é: “Ensinar que as pessoas não podem nem são capazes de fazer tudo que querem” (ROSSINI, 2002, p. 18); “limite é uma fronteira, uma separação necessária entre o eu e o outro” (SILVA, 2003, p. 62). As crianças passam a compreender que existem outras pessoas no mundo e que seus direitos acabam onde começa o direito

das outras. O importante é que essas regras sejam claras, firmes e cobradas, de forma sempre igual todos os dias.

Schettini (1995) se refere a limites como uma forma de por ordem nas relações entre as pessoas. Essa colocação converge para o pensamento de Zagury (2001), ao afirmar que: “dar limites é dizer sim sempre que possível e dizer não sempre que necessário, quando houver uma razão concreta”.

Para os referidos autores, é preciso acostumar as crianças a cumprirem regras simples, dentro de um modelo bem planejado, sem exageros, mas que lhes permita exercitarem-se e adquirirem condições de prepararem-se para a realidade: os muitos “nãos” que, com certeza, a vida vai lhes mostrar, as muitas regras que vão encontrar, os sofrimentos e as frustrações que fazem parte da existência humana.

Paralelamente, Tiba (2002, p.71), ao tratar das dificuldades encontradas pelos pais em fazer as crianças aceitarem limites, relata:

Os costumes dos nossos filhos não dependem só do que eles aprendem dentro de casa. A educação escapou do controle da família porque, desde pequena, a criança já sofre influência da escola, dos amigos e da babá eletrônica, a televisão. Desse modo, entra em contato com modelos diferentes de funcionamento muito mais cedo. O tempo de desenvolvimento praticamente não mudou. Só se antecipou um pouco.

Devemos ressaltar também que, muito embora a maneira de educar os filhos tenha sofrido mudanças consideráveis no decorrer dos últimos anos, a criança é tratada de duas formas: num extremo, ela é considerada como um ser que nada sabe; noutra ela possui características próprias, vontades e aptidões, que a acompanham em seu desenvolvimento e crescimento, saindo da dependência total para uma autonomia plena. Como fruto decorrente da aculturação globalizada, às vezes até conflituosa, nossa educação e nossa cultura estão longe de se tornarem intransponíveis, intocáveis e invioláveis. O desenvolvimento tecnológico coloca o mundo inteiro dentro de nossas casas, quer seja pela Mídia, quer seja pela Informática (a televisão, o computador e a Internet). Até mesmo dentro de nossos lares somos vulneráveis às informações de todo tipo; por outro lado, temos que reconhecer que somos beneficiados pelos avanços incontroláveis das Ciências Exatas, Humanas e Sociais (TIBA, 1996).

Compete à família filtrar essas informações e despertar nos filhos o cuidado em relação às mesmas. A família deve participar, sobretudo, como agente educador durante os primeiros anos de vida da criança, na transmissão da herança cultural e social de seus pais, transmitindo-lhe uma linguagem, usos, costumes, valores sociais, morais e crenças,



buscando capacitar seu filho para sua admissão na sociedade, bem como exercer a função socializante, quando possibilita a conquista de diferentes valores: étnico, patriótico, religioso, social, político e educacional (OSÓRIO, 1996; BUCHER, 1999).

O estudo sobre as relações interativas da criança com seus cuidadores, em geral os pais, é imprescindível para a prevenção ou compensação de possíveis desajustes nas competências ou no bem-estar pessoal. Assim, a família é fundamental por várias razões: 1) é a instituição em que a pessoa nasce e à qual a sociedade delega a tutela e os cuidados básicos; 2) é a mediadora nas relações que as pessoas mantêm com os demais agentes de socialização; 3) é na família que as crianças adquirem crenças fundamentais sobre o sentido da vida, as comunicações, o código de valores e as capacidades relacionais; 4) porque na família se observam modelos que condicionam o desenvolvimento social (GARCIA; SÁNCHEZ, 2003).

Os citados autores referem-se aos seguintes estilos que podem ser adotados pelos pais na criação de seus filhos:

1) Estilo autoritário: é aquele que denota pouca sensibilidade ou empatia pelo outro, centrando-se na perspectiva quase exclusiva do adulto. Utiliza a afirmação do poder como imposição para inibir, mitigar ou anular as condutas indesejáveis. Prioriza o cumprimento de regras e mantém baixa expressão de afeto e comunicação, ao mesmo tempo em que enfatiza exigências e controle;

2) Estilo permissivo: apresenta altos valores em expressão de afeto e comunicação. Por outro lado, apresenta baixos níveis de controle e exigência. Os pais que adotam esse estilo são superprotetores, pouco consistentes em suas normas de disciplina e excessivamente vulneráveis em relação ao filho;

3) Estilo negligente: é o mais indiferente, podendo variar entre excesso de controle ou ausência total do mesmo;

4) Estilo equilibrado: mantém afeto e comunicação porém com exigência e controle, com existência de normas claras e consistentes, porém não de maneira rígida, a depender da situação, podendo alterar a conduta de acordo com ela.

Para Garcia e Sánchez (2003), os estilos adotados pelos pais vão depender de fatores como: transmissão cultural, experiência como filhos, experiências com seus filhos, nível educacional, nível sócio-econômico, características de personalidade.

Corroborando o que os autores disseram Rego (1996) classificou os pais nos termos seguintes: 1) pais autoritários: aqueles que, além de serem pouco comunicativos e

afetuosos, são bastante rígidos, controladores e restritivos quanto ao nível de exigência de seus filhos. As condutas são avaliadas a partir de rigorosos padrões pré-estabelecidos. 2) pais permissivos: valorizam o diálogo, (as opiniões das crianças são freqüentemente solicitadas e quase sempre aceitas) e o afeto. São pais que têm enorme dificuldade em exercer algum tipo de controle sobre a criança. 3) pais democráticos: parecem conseguir um maior equilíbrio entre a necessidade de controlar e dirigir as ações infantis, de exigir seu amadurecimento e independência, e o respeito às necessidades, capacidades e sentimentos de seus filhos. São pais que apresentam níveis altos de comunicação e afetividade e que normalmente estimulam as crianças para que expressem suas opiniões sobre determinados aspectos que as afetam.

Schettini (1995, p. 63.) afirma: “não conseguiremos dar limites, com eficiência, a alguém, sem antes torná-lo nosso discípulo. No caso da criança, é preciso que ela nos reconheça como quem ensina, portanto, como alguém que tem autoridade para assumir a posição de quem orienta”. E para haver disciplina, é necessária a presença de uma autoridade saudável. O segredo que distingue o autoritarismo do comportamento autoritário, adotado para que a criança torne-se mais educada, reside no respeito e na auto-estima.

Para Zagury (2001), a decisão, por parte do pai ou da mãe, de “dar tudo o que ele/ela não teve” está, em primeiro lugar, relacionada a alguma coisa não resolvida no passado, ou, sem querer generalizar, nem sempre esses pais questionam se o filho está de fato querendo, precisando ou valorizando as coisas que vai ganhar, ao longo dos dias, meses ou anos. Na verdade, muitas vezes, os pais estão atendendo a uma necessidade deles próprios, uma vez que nem sempre é a necessidade do filho. Schettini (1995), por sua vez, elencou as principais dificuldades dos pais para implementarem limites: 1) o medo de ter sua autoridade contestada; 2) o medo de desagradar e perder o afeto do filho; 3) o medo de não ter limites ao dar limites; 4) a insegurança pessoal; 5) a indefinição sobre o sentido pessoal da vida, 6) a dificuldade de suportar o sofrimento do filho.

Içami Tiba resumiu bem o que foi dito até aqui:

Educar dá trabalho, pois é preciso ouvir o filho antes de formar julgamentos; prestar atenção em seus pedidos de socorro (nem sempre claros) para ajudá-lo a tempo; identificar junto com o filho onde ele falhou, para que possa aprender como o erro; ensiná-lo a assumir as conseqüências em lugar de simplesmente castigá-lo, por mais fácil que seja; não resolver pelo filho um problema que ele mesmo tenha capacidade de solucionar. Não assumir sozinho a responsabilidade pelo

que o filho fez, por exemplo ressarcir prejuízos provocados por ele ou pedir notas aos professores (TIBA, 2002, p.46).

Entre as principais conseqüências da falta de limites na criança Zagury (2001) elencou o seguinte: 1) descontrole emocional, histeria e ataques de raiva; 2) dificuldade crescente de aceitação dos limites; 3) distúrbios de conduta; 4) agressões físicas quando for contrariada, descontrole e até mesmo, problemas psiquiátricos.

Schettini (1995, p. 35), por sua vez, disse: “O dia-dia nos mostra que uma criança sem limites está, no mínimo, exposta a acidentes desagradáveis e até fatais”. Esses riscos vão desde danos físicos a conturbações psicológicas e a alterações nas relações interpessoais. Quando ensinamos às crianças a noção dos limites estamos, dessa forma, criando condições para relações interpessoais mais confortáveis e duradouras. Por mais difícil e incômodo que seja dar limites aos filhos, trata-se de uma ação necessária para lhes oferecer condições de desenvolvimento saudável nas relações com as pessoas e com o mundo. Dessa forma, estaremos proporcionando os melhores instrumentos para a integração da criança no convívio social. Os limites de que dispomos são necessários tanto para nós, como para os outros. Sem limites, a preservação pessoal é ameaçada, como também o é a integridade das outras pessoas.

Tiba (1996) ressalta que a criança que faz tudo o que tem vontade não se sente amada, protegida, porque tem a impressão de estar só no mundo e pode tornar-se tímida e insegura. Por outro lado, quando a repressão é muito grande, o filho tem um modelo repressor internalizado e o exercerá sempre que puder. Se sofrer repressão dos pais, vai reprimir os mais fracos.

Tendo, até o momento, discorrido sobre a dificuldade em implementar limites, passaremos agora a apresentar algumas sugestões que facilitam sua implementação, de acordo com Schettini (1995), Zagury (2001) e Gomide (2004).

Schettini (1995) considerou, quando da implementação dos limites, que os adultos devem: 1) avaliar cada situação de acordo com a capacidade da criança; 2) adotar afetividade, maturidade e firmeza ao estabelecer os limites; 3) não repetir o mesmo argumento; 4) ausentar-se da cena quando houver explosões ou birras; 5) os cônjuges devem respeitar a ordem dada pelo outro; 6) não se deixar enganar pela astúcia da criança; 7) retirar coisas que dão prazer, quando a criança insiste em não obedecer.

Zagury (2001), por sua vez, considerou que os adultos devem: 1) cumprir o que prometeram; 2) ser coerentes com as normas estabelecidas; 3) levar os filhos a assumirem,

gradativamente, responsabilidades; 4) ter compreensão e tolerância nos momentos de mau-humor, birra e resmungos; 5) respeitar a individualidade de cada um; 6) estimular e ressaltar as vitórias, o que contribuirá para diminuir a insegurança e a baixa auto-estima; 7) buscar sempre oportunidade de diálogo.

Gomide (2004) também apresenta algumas sugestões para que os adultos, especialmente os pais, levem em consideração ao estabelecerem limites às crianças:

- 1) Não estabelecer regras excessivas, rígidas e difíceis de serem cumpridas;
- 2) Antes de dar o castigo, analisar se ele pode ser cumprido, caso contrário é melhor não dá-lo. Isso leva o filho a desrespeitar os pais e a acreditar que as regras não são para serem cumpridas, o que poderá ocorrer também no seu comportamento na sociedade;
- 3) Dar informações corretas sobre o comportamento que precisa ser modificado, caso contrário, a criança não associará o que fez de errado e o que precisa mudar;
- 4) O castigo não deve ser aplicado muito tempo após o comportamento indesejado, porque ela, a criança, não associará o comportamento errado ao castigo;
- 5) Evitar mostrar medo ou insegurança diante dos filhos, quando eles se mostrarem agressivos e hostis;
- 6) Discernir até que ponto as regras podem ser discutidas democraticamente e o que deve ser resolvido pelo adulto responsável. Por exemplo: escovar os dentes após as refeições;
- 7) As regras devem ser estabelecidas progressivamente e serem passíveis de serem cumpridas;
- 8) Não implementar um castigo às crianças quando o humor está alterado;
- 9) Os pais devem ser consistentes quando ditam as regras e não variar sua implementação, ou seja, ora deixam, ora não deixam a criança fazer a mesma coisa;
- 10) Equilibrar a implementação das regras com a afetividade pelo filho;
- 11) Evitar a constante fiscalização que pode ser percebida como desconfiança e, assim, os filhos tendem a burlar as regras dadas, porque os pais invadem sua privacidade;
- 12) Regras repetidas levam à saturação, à hostilidade e indiferença;
- 13) Lembrar de elogiar o filho é muito bom para todos. Demonstrar afeto e interesse pelo filho e achar momento para conversar, ouvi-lo;

14) Os pais devem ser consistentes entre aquilo que ensinam e o que fazem no dia-a-dia. Os filhos irão manter os valores transmitidos e executados pelos pais, desse modo, é importante que vejam seus exemplos no cotidiano.

Embora saibamos que tais diretrizes não podem ser seguidas automaticamente e sem uma análise do contexto, achamos que as indicações dos autores podem contribuir para que os profissionais, os pais e os professores possam se orientar. cremos também que é preciso, pois, equilíbrio na colocação dos limites e que o estilo equilibrado é o melhor a ser adotado pelos pais. Recorrendo ao pensamento sistêmico, vemos como é importante que os pais estejam de acordo no momento em que implementam as regras para os filhos e que cada um seja coerente com as normas estabelecidas na família. Portanto, no momento em que a criança está indisciplinada é necessário averiguar qual o contexto que está propiciando seu comportamento, como por exemplo: incongruência entre os pais ou demais familiares, inconsistência no comportamento do próprio genitor, que ora permite, ora não permite determinada ação.

No próximo capítulo discorreremos sobre a implementação dos limites no âmbito da escola.

### 3. A DINÂMICA DOS LIMITES NA ESCOLA

Sendo a segunda instituição essencial para a socialização da criança, a escola tem um papel de grande relevância social. Para Macedo (1996) a função principal da escola é criar um contexto de aprendizagem com interações instrutivas cujo resultado é o aumento da competência, de acordo com o desenvolvimento dos alunos. Segundo Schettini (1997) a escola também tem a função de ensinar o aluno a estudar. Através dessa função a escola pode facilitar o processo de execução das tarefas de casa, organizar horário de estudos, bem como orientar os pais sobre a melhor maneira de ajudar aos filhos.

A escola compartilha com a família a importante função de socialização “uma vez que a família já não é aquela instituição protetora que está ao lado da criança a todo instante” (SCHETTINI, 1997, p. 33). Nesse espaço, a criança aprenderá novas formas de adaptação e defesa, a conviver com crianças de diferentes idades e sexos, bem como com adultos que não os de sua família, o que é constitui uma rica experiência para o seu desenvolvimento. Além disso, a escola proporcionará a adaptação da criança a limites e regras, sendo uma continuação do que ela aprende no ambiente familiar.

Outra importante função da escola é dar continuidade ao processo de diferenciação e individuação da criança, que se inicia no contexto familiar, uma vez que ela vai aprender a compartilhar e conviver com pessoas, vindas de diferentes lugares e com experiências diversas, o que contribui para ampliar seu universo de vivências diferentes das experimentadas no ambiente familiar. Para Osório (1996) essa é a mais importante função da escola.

Uma função que a escola ainda compartilha com a família é a da transmissão da linguagem sendo que na escola usa-se a linguagem visando a transmissão de conhecimentos, o saber científico, organizado e cultural, enquanto que na família a linguagem que se transmite é a do conhecimento comum, visando a adequação da criança às normas e cultura da mesma (CUBERO; MORENO, 1995).

Segundo Barbosa e Xavier (2002), todos os avanços teóricos estão, de certa forma, cerceados, aprisionados mesmos, pela estrutura legal, administrativa e física das instituições escolares que permanecem mais ou menos idênticas, desde seu surgimento, há quase dois séculos, imunes às mudanças que ocorrem fora de seus muros.

Para as autoras, essa estrutura organizacional era e ainda é muito coerente com a visão conservadora de educação, para a qual a função da escola é adaptar as novas

gerações à sociedade que aí está, permitindo-lhes, em menor ou maior grau, conforme seu esforço e aptidão pessoal – ou de acordo com sua origem de classe, como diriam os críticos dessa visão – adquirir o saber erudito acumulado pela humanidade, através da transmissão do professor e via livro-texto. Para esta visão de escola, a disciplina, compreendida como sinônimo de silêncio e obediência, é fundamental para que ocorra a aprendizagem. Dessa visão de disciplina como sinônimo de obediência e submissão, se passa a uma visão de disciplina como autodisciplina, cooperação com o coletivo, ação inteligente, dotada de espaço de análise e opção. Portanto, ela não é apenas decorrência de uma regulação exterior, mas sim de uma escolha consciente.

Elas admitem que são imprescindíveis algumas rupturas com o modelo tradicional para que novas propostas possam ser construídas. Acreditam que é necessário elaborar um projeto participativo de escola, onde todos tenham canais institucionais para dizer a sua palavra; acreditam ainda que a escola deve ser um lugar aberto, onde haja espaço para o conflito, para a desorganização e a reorganização, onde se construa permanentemente um grupo, onde todos tenham lugar – não rígido – para existir. Um lugar de vida própria, de criatividade, de solidariedade, de não-segregação, de tolerância à diferença, onde haja o permanente confronto com diferentes culturas, permitindo aflorar a relatividade da verdade, da normalidade, das certezas. Um lugar onde os “inadaptados” (indisciplinados?) tenham espaço para participar do seu processo de conhecimento, do seu compromisso como aluno, da sua organização como cidadão. Um lugar onde os alunos não sejam passivos como a escola que aí está os quis, mas comprometidos com uma nova ordem por eles também construída (BARBOSA;XAVIER, 2002).

Acreditamos que essa visão das autoras vem corroborar o pensamento sistêmico, na medida em que elas propõem analisar o contexto no qual o comportamento de indisciplina ocorre, bem como admitem a instabilidade que caracteriza a escola, com novas informações, pessoas, acontecimentos no seu cotidiano. Ela tem que se adaptar a essas informações, como propõe a TSG, na propriedade denominada mudança e adaptabilidade.

Segundo Tiba (1996, p.99):”A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola.”

Para o referido autor, observam-se quatro tipos de disciplina: a disciplina treinada, consiste em treinar a disciplina desde cedo, habituando os alunos às regras da escola:

A disciplina adquirida é aquela em que a criança prende a atenção em determinado objeto ou tarefa, de maneira que exclui tudo o mais à sua volta. Portanto, quanto maior for seu interesse em alcançar o objetivo, mais disciplinada a criança será.

A disciplina aprendida, segundo o citado autor alguém pode ensinar a disciplina a outro alguém. Quem ensina é o disciplinador; quem aprende, o disciplinado; e o conteúdo desse aprendizado é a disciplina. Ensina-se como e porque se comportar em sociedade, em reuniões sociais, em classe, em competições, etc. Isso faz parte da educação e da arte de viver bem.

A disciplina absorvida, é aquela que a criança absorve e quer ser igual aos pais ou outros ao seu redor. Quanto menor ela for, menos opções terão para escolher seus mestres. A admiração é um estímulo importante para que passe a imitar gestos dos pais e os aperfeiçoe, cada vez mais, por meio de tentativas, acertos e erros. O objetivo da criança é ser como as pessoas que tanto admira. Os pais funcionam como modelos a serem “incorporados”. E, assim, os filhos aprendem os padrões de comportamento familiar e social, o respeito por outros familiares e pelos funcionários (da casa e da escola), as noções de limite, dever e obrigação.

Segundo Tiba (1996, p.113-114):

A educação enfrenta atualmente muitos problemas. Entre os que afetam os alunos o mais grave é a falta de disciplina e responsabilidade, complementada pela dificuldade dos educadores de tomarem atitudes de autoridade coerentes com sua função, temendo cair em um abusivo autoritarismo, que é antipedagógico. O Brasil está em crise em praticamente todas as áreas. A Educação é, sem dúvida, uma das mais afetadas. Um país que não cuida da Educação de seu povo está condenando o seu futuro.

Vivemos, presentemente, um outro tempo, bem mais complexo, diverso e inquietante, do que há algumas décadas. A escola enfrenta, além do desafio frente ao domínio do conhecimento, uma permanente e veloz mudança, como também o desafio da relação com os alunos. Considera-se que a indisciplina é uma das maiores dificuldades encontradas na escola. A disciplina é um hábito interno que facilita a cada pessoa o cumprimento de suas obrigações, é um auto-domínio, é a capacidade de utilizar a



liberdade pessoal, isto é, a possibilidade de atuar livremente, superando os condicionamentos internos ou externos que se apresentam na vida cotidiana.

Para o referido autor é necessário não excluir os que atrapalham, mas procurar favorecer sua integração ao ambiente escolar para que haja um real processo educativo. Tratando-se de crianças e jovens em fase de formação, é preciso estabelecer um sistema de estímulo que favoreça o desenvolvimento da responsabilidade dos alunos, muito mais que punir, o que vem a exigir uma atuação continuada dos professores: os alunos não mudam de um dia para o outro. Em educação é absolutamente necessário contar com o tempo, pois o importante é a formação (ANTUNES, 2002).

Percebendo a indisciplina sob uma forma positiva, Fortuna (1995) aponta que mais do que descumprir regras, ela pode significar um rico manancial de informações sobre como os alunos vivem a escola e seus conteúdos. Escapar ao controle é uma forma de questioná-lo, minando as relações de poder univocamente estabelecidas. Os professores, ao ignorarem a indisciplina como contendo algo de positivo, isto é, como uma forma de linguagem que expressa, de um lado, os efeitos do processo ensino-aprendizagem, e de outro, algo a respeito dos próprios sujeitos deste processo, perdem uma oportunidade de aprenderem e lidarem com ela.

Segundo Tiba (1996, p.106): “A primeira e mais fundamental norma para o professor é tratar seus alunos com estima e respeito”. Para estar em condições de educar, o professor precisa estabelecer relações cordiais e afetuosas com seus alunos; criar um ambiente que estimule a compreensão e a colaboração, usando de atitudes amistosas e pacientes com todos os alunos sem distinção.

Num ambiente de cordialidade, que deve envolver as relações professor-aluno, não há espaço para palavras ou mesmo gestos que signifiquem menosprezo; nem que se ridicularize um aluno perante seus companheiros, ou a impaciência com seu erro; nem para ameaças ou concessão de privilégios; ou para a ação que não aceita que os alunos tenham direitos às justificativas, ou ainda, a utilização de sanções para estimular a aprendizagem.

Para Schettini (1997) a preocupação com o preparo técnico, pedagógico e didático, por parte do professor, deve ser somada às suas características de personalidade: 1) respeito à personalidade do aluno, o que implica em aceitação incondicional da criança, independente de características étnicas, sociais e culturais; 2) conhecimento das características de desenvolvimento da criança, o que implica conhecer o momento que a

mesma está passando; 3) paciência, porque as pessoas apresentam maior ou menor dificuldade na aquisição de informações; 4) autenticidade, pois o professor sendo autêntico ganha o respeito do aluno, o que facilita a aprendizagem. Em relação ao professor, as causas da indisciplina podem ser devidas a: 1) má direção da classe; 2) emprego constante da mesma técnica; 3) conhecimento deficiente da matéria; 4) impontualidade; 5) ação isolada dos professores; 6) personalidade desajustada.

Para Xavier (2002), os problemas de disciplina na escola podem estar relacionados aos seguintes fatores: a) a falta de clareza teórica – devido ao chamado “democratismo”, que se instalou em muitas escolas após o período de abertura política na década de 80 nas práticas pedagógicas – sobre as diferenças entre autoridade e autoritarismo em relação ao papel específico dos professores e dos alunos na gestão da escola; b) a dificuldade manifesta nos processos de elaboração das propostas coletivas de trabalho, na seleção de conteúdos e atividades, no processo avaliativo da instituição e do desempenho escolar dos alunos, bem como na construção das normas disciplinares institucionais e grupais; c) a história da vida da professora, criada numa sociedade e numa escola de prática machista, patriarcal e autoritária; d) o acirramento da violência na sala de aula, na escola e na comunidade.

Por outro lado, as razões da indisciplina na escola podem também ser devidas a: 1) a falta de consideração dos alunos a um professor pode ser devida à falta de coerência entre o que o professor diz e o que ele faz, entre os valores que ele tenta transmitir aos alunos e os que ele mesmo vive; 2) os valores e as atitudes cultivados numa escola precisam ser incorporados por toda a equipe de profissionais; a incoerência entre a vivência desses valores pelos professores, pode transmitir aos alunos uma visão distorcida dos valores que a instituição educacional cultiva; 3) as classes numerosas que dificultam a necessária dedicação do professor aos alunos; 4) as instalações materiais inadequadas, como é o caso de salas pequenas, mal iluminadas ou ventiladas, carteiras em mau estado, etc; 5) a falta de laboratórios, oficinas ou material escolar, os quais geram no aluno cansaço e desinteresse; 6) o preparo deficiente dos coordenadores, professores ou inspetores, os quais precisam da necessária orientação para lidarem com os alunos. No que se refere ao aluno, a citada autora coloca que as causas da indisciplina podem ser de natureza biológica, social ou psicológica. Além desses fatores, Costas (2005) acrescenta que o fato dos alunos serem tratados como clientes, nas escolas particulares, também

dificulta o estabelecimento dos limites, uma vez que eles se sentem no direito de fazer e até exigir como devem ser tratados.

Segundo o entendimento de Vygotsky (1984, citado por REGO, 1996) uma criança indisciplinada é aquela que não tem limites, que não obedece aos padrões estabelecidos e não respeita a opinião e sentimentos alheios, que demonstra desinteresse para entender as formulações de entendimentos de seu colega de classe, que não consegue participar das atividades extra-classe, conversar e conviver de maneira conveniente com seus semelhantes de sua comunidade. O citado autor sugere que as causas e possíveis soluções para a indisciplina poderão ser procuradas e encontradas além dos muros e portões da escola.

Pensando sistemicamente, sabemos que a família também exerce um papel relevante na forma como a criança se relaciona com a escola. Assim, na ocorrência de indisciplina na escola é preciso compreender como está aquele aluno em casa, por exemplo, como os pais se relacionam entre si e com aquele filho em particular, se está havendo algum evento estressor na família (separação, mudança, desemprego, doença, preferência por algum filho, nascimento de outro, etc) que podem estar contribuindo para o surgimento do problema. Além disso, a incongruência acerca dos limites por parte da família e da escola pode facilitar a indisciplina nesta

Pode-se dizer ainda que a ausência do pai e da mãe na escola influencia nas representações que os professores têm da criança e na avaliação de sua aprendizagem, pois critérios como participação, interesse e presença dos pais na escola ainda figuram como indicadores positivos na percepção que os professores têm do aluno (HICKMANN, 2002).

Segundo Tiba (1996, p.140):

A educação ativa formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pais e o próprio aluno. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno indisciplinado tem o apoio dos pais, acaba funcionando como um caso que não chega a um acordo quanto à educação da criança. O filho vai tirar lucro da discordância pais/escola da mesma forma que se aproveita das divergências entre o pai e a mãe.

Ao lado da família, a escola permanece sendo um espaço de formação que deve, para tanto, repensar sua ação formadora, preocupando-se em formar seus educadores para que os mesmos reúnam recursos que os permitam lidar com os conflitos inerentes ao cotidiano escolar.

É na escola, portanto, refletindo sobre o que há para ser ensinado às crianças e adolescentes e sobre a metodologia que pode tornar mais coesa a ação do conjunto

docente, que ela escola poderá encontrar saídas legítimas à superação dos problemas morais e éticos que assolam o seu dia-a-dia.

Na escola, com os professores, orientadores e diretores, o aluno aprende as regras escolares e comunitárias. O contexto escolar é menos permissivo e proporciona menor envolvimento e desgaste afetivo que o meio familiar. Suas normas e as conseqüências do desrespeito a elas são mais claras, definidas e até mesmo escritas.

A sociedade praticamente não ensina, somente sinaliza as regras a serem obedecidas na esperança de que cada cidadão tenha suficiente preparo (familiar e escolar) para viver nelas. Suas leis estão escritas e as contravenções são penalizadas sem os atenuantes escolares e o afetivo clima familiar.

Segundo Tiba (1996), a disciplina não depende exclusivamente de um indivíduo. Para implementá-la são necessários a existência do disciplinador e do disciplinado, de um objetivo e de um contexto (local, horário e valores culturais vigentes). Em qualquer atividade que envolva seres humanos, temos de contar, também, com suas diversas personalidades e com o relacionamento estabelecido entre eles.. Daí a complexidade de abordar o tema, pois uma regra varia conforme a hora, o lugar e as pessoas envolvidas. Sendo assim, as possíveis variáveis são inúmeras.

Disciplinar é um ato complementar, isto é, depende das características pessoais do disciplinador e do disciplinado. Portanto, diferentes professores conseguirão diferentes resultados com uma mesma classe. A recíproca é verdadeira: diferentes classes promoverão diferentes comportamentos num mesmo professor. É necessário chamar a atenção para algumas características psicológicas dos relacionamentos humanos. Eles são interativos, isto é, ação provoca reação que, por sua vez, passa a estimular novas reações numa seqüência. O resultado final é o relacionamento interpessoal. Aqui vale lembrar a propriedade da retroalimentação já referida no primeiro capítulo.

Antunes (2002) aponta algumas saídas para a indisciplina a serem tomadas pela escola:

a) Em primeiro lugar é necessário que a escola tenha uma definição clara de algumas regras disciplinares, lúcidas e coerentes, estabelecidas democraticamente entre diretores, professores e alunos;

b) A escola também precisa propiciar o estabelecimento de canais límpidos de comunicação entre os alunos, diretores, pais, orientadores e professores. Esses canais não

podem ser anarquicamente instituídos, mas normatizados, mostrando a todos como e em quais momentos o diálogo é necessário e a crítica é imprescindível;

c) Estabelecer um horário de aulas inteligente e que leve em conta a ocorrência da indisciplina. Infelizmente quase nunca se pensa; é comum achar que indisciplina é uma questão pedagógica e o horário das aulas uma questão burocrática. Para o autor isso é extremamente importante.

d) Finalmente, em vez dos repetitivos planejamentos pedagógicos que nada dizem, fazer uma mudança para o estabelecimento de princípios que favoreçam a aprendizagem significativa, com claras normas disciplinares, exploração das habilidades operatórias, abertura para desenvolvimento de todas as inteligências e as centenas de linguagens com que o saber pode se manifestar e a escola explorar.

Do ponto de vista do professor, o autor faz as seguintes pontuações:

a) A pontualidade e assiduidade do professor é fator essencial. Quando o professor atrasa, isso gera um clima de bagunça, festa, alegria. Sua chegada gera frustração e esta abriga a indisciplina. Melhor é mesmo ninguém esperar por atraso e nem imaginar a falta; nesse caso o cérebro já se organiza para a aula e as atitudes corporais para a placidez;

b) Estruturar bem a aula, ligando-a aos conteúdos anteriores e explorando as habilidades dos alunos. Construir esquemas que facilitem o aprendizado, associando o conteúdo novo com o velho e mudando as técnicas pedagógicas. Para ele, se a aula é apenas um discurso mal posicionado, nada contextualizado, a indisciplina é inevitável. O interesse nasce da coerência e a coerência envolve a estrutura da aula, com seus passos claros, suas exigências nítidas;

c) Examinar como a disciplina tem sido administrada, isto é, se ficou claro o que pode ou não pode ser feito. Ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não ensina e não educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido. O professor jamais pode acreditar nessa bobagem de que cada aluno já sabe o que pode e o que não pode. Ninguém cresce se não é desafiado e todo jovem, para crescer, necessita desafiar. E por isso mesmo, esses limites têm que ser claros, lúcidos, reiterados. A aula necessita estar internalizada no aluno, assim como as regras de um esporte no seu praticante.

Em síntese, podemos constatar que a indisciplina na escola pode ser ocasionada por múltiplos fatores que estão relacionados com o funcionamento da própria escola, sua relação com a família, as características dos professores e dos próprios alunos, bem como

dos acontecimentos que surgem no dia-a-dia da família, escola e comunidade. É preciso pois, flexibilidade, abertura e um esforço conjunto, por parte dos envolvidos, para acharem uma saída para aquela situação.

## **4. OBJETIVOS E METODOLOGIA DO ESTUDO**

### **4.1 OBJETIVOS**

#### **4.1.2 Objetivo geral**

Investigar a concepção que os pais e os professores têm acerca do estabelecimento dos limites que poderão ser aplicados às crianças, em decorrência de seus comportamentos inadequados.

#### **4.1.3 Objetivos específicos**

Compreender o significado dos limites dados à criança pelos pais e professores.

Verificar que critérios são adotados para sua efetivação.

Analisar as conseqüências da falta de estabelecimento de limites nos âmbitos escolar e familiar.

Detectar as dificuldades e as reações dos pais e dos professores, quando da ultrapassagem dos limites estabelecidos à criança.

Averiguar a necessidade de pais e professores de buscarem ajuda na educação da criança.

Estabelecer, junto aos participantes, as responsabilidades de cada contexto frente aos limites colocados para a criança.

## **4.2 METODOLOGIA**

### **4.2.1 Natureza da pesquisa**

Pesquisa qualitativa.

### **4.2.2 Participantes**

Participaram da pesquisa 15 educadores, sendo cinco pais, cinco mães e cinco professoras. A faixa etária das mães variou entre 25 a 33 anos, com renda familiar média de três salários-mínimos, sendo que três possuem escolaridade superior incompleta, uma o ensino médio e outra o Fundamental-I. Quatro das mães são casadas e uma é separada. A média de tempo de casamento é nove anos.

A faixa etária dos pais variou entre 37 a 41 anos, com renda média de cinco salários-mínimos, sendo que dois possuem o superior incompleto, um o curso técnico em informática e dois completaram o ensino médio. Todos são casados, em média, há 14 anos.

Quanto às professoras, a faixa etária variou entre 28 a 39 anos. Elas possuem um tempo de experiência profissional com média de 15 anos. Quatro delas são casadas e têm filhos. Quatro possuem o superior completo e uma o curso de magistério.

Os entrevistados foram selecionados dentre aqueles que tivessem seus filhos e/ou alunos matriculados regularmente no Ensino Fundamental-I.

Os educadores receberam nomes fictícios, durante a pesquisa, com o objetivo de preservar as suas identidades.

### **4.2.3 Instrumentos**

Foi utilizada uma entrevista fechada, compreendendo os dados sócio-demográficos acerca dos participantes e 10 questões relacionadas aos objetivos da pesquisa (Anexos 1 – Pais; 2 - Professoras).

### **4.2.4 Procedimentos da coleta de dados**

A pesquisa de campo foi realizada na própria Escola onde as crianças estudam. O convite para participar da entrevista foi feito por telefone e a mesma foi realizada em



local adequado e gravada. Obtida a autorização por parte das pessoas (pais e educadores), foram entrevistados individualmente.

Empregamos 02 (duas) formas distintas de entrevistas: uma para os pais e outra para as professoras, porém, contendo as mesmas questões.

O Termo de Consentimento encontra-se no Anexo III. Vale salientar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UNICAP (Anexo IV).

#### **4.2.5 Procedimentos da análise dos dados**

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada uma análise individual de cada uma delas, na qual buscamos detectar seu sentido específico, utilizando-se também a escuta e as observações realizadas. Em seguida, fizemos uma análise geral dos dados obtidos. Para identificação desses significados, tomamos como referência os objetivos da pesquisa e os autores consultados.

## 5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente, apresentaremos a síntese das entrevistas realizadas com as professoras, as mães e os pais.

**Quadro 1: Síntese das Entrevistas com as Professoras**

Identificação	Conceito de limites	Como estabelecem limites	Dificuldades sentidas e encontradas	Conceito de limites ultrapassados
Prof <sup>a</sup> Valeria Alfabetização 35 anos casada: 1 filha Exp. profissional: 15anos Sup.incompleto	São normas estabelecidas para que saibam até onde podem ir, ao mesmo tempo em que adquirem segurança.	Sim, mostrando que eles não podem fazer tudo o que querem, na hora e da maneira deles.	Sim, porque a grande maioria não recebe dos pais, o que dificulta o trabalho do professor. Também a variedade de professores com ações diferentes que confundem a criança.	Quando o aluno faz o que ele quer, do seu modo. Normalmente já não cumpre em casa.
Prof <sup>a</sup> Aldeci 1 <sup>a</sup> série 28 anos solteira Exp. profissional 10 anos Sup. completo	E' você dar um tempo para uma pessoa, é dar regra e dar um tempo para que se cumpra.	Em casa eles fazem o que querem e quando chegam à escola querem fazer o mesmo.	Estabeleço, mas nem todos cumprem, porque não têm em casa. Ex: o garoto que era espancado pelo pai, ele trazia a violência para o colégio.	A maioria já tem um certo limite, mas existem alguns que perturbam, mas já estou acostumada a lidar com isso.
Prof <sup>a</sup> Regina 2 <sup>a</sup> série 28 anos casada: 1 filha Exp. profissional 16 anos Superior completo	Atualmente não existe limite. A gente pode ajudar aos pais, mas em casa eles não impõem limites.	Eu vou arrumando de um lado e de outro, conversando, dando exemplo, evitando dar ordem.	Alguns seguem, mas outras não querem seguir regras. Os pais jogam tudo para os professores.	Quando perco a minha paciência é sinal de que o aluno esgotou todos os limites.
Prof <sup>a</sup> Rosângela 3 <sup>a</sup> série 39 anos casada: 2 filhos Exp. Profissional 18 anos Magistério	E' o que o aluno pode ou não fazer. É o que o professor diz que é permitido ou não na escola.	No início do ano geralmente estabeleço como devemos proceder e quando os problemas forem aparecendo iremos cumprir a disciplina.	Estabeleço os limites de acordo com as suas possibilidades. Por isso, não há dificuldade. Quando o aluno cumpre, por um motivo justo, sou flexível.	Eu não tenho problema, a não ser com uma aluna que já não tem limites em casa.
Prof <sup>a</sup> Iara 4 <sup>a</sup> série 37 anos casada: 2 filhos Exp. Profissional 13 anos Sup. incompleto	E' o professor se dar ao respeito, cada um respeitar o outro.	Nem todos ficam calados, sempre tem um que quer ultrapassar.	No começo do ano eles já sabem como eu sou, espero e escuto a opinião deles. Por isso, não tenho dificuldades em sala-de-aula.	Não, porque quando começo o ano eu já digo como eu vou conduzir a turma.

<b>Firmeza no dar limites</b>	<b>Reação à falta de limites</b>	<b>Sentimentos ao negar algo</b>	<b>Consequência da falta de limites</b>	<b>Necessidade de ajuda</b>	<b>Responsabilidade dos professores</b>
Procuro manter-me firme pois os alunos ficam sem acreditar no professor e não fazem a sua parte.	Procuro ter uma conversa individual e descobrir o motivo daquele comportamento. E quando não resolvo, mando chamar os pais.	E' importante ele aprender a conviver com o não. Analisar com ele se merece ou não que seu pedido seja atendido.	Sofrimento da criança e de quem está à sua volta no futuro, imaturidade e irresponsabilidade.	Sim, recorro à coordenação, aos pais e ao SOE	São educadores com grande parcela de responsabilidade para a formação do educando.
Não respondeu.	Quando a criança não muda, eu mando bilhete para a mãe. Alguns colaboram e outros não. Quando a família é estruturada, os pais participam.	Quando não houver necessidade imperiosa de ser atendida; quando o aluno não aceita fica difícil, principalmente em aula.	Acredito que a criança apresentará um comportamento inconveniente, tais como: drogas, violência, etc..	Peço auxílio à coordenação e direção e à família do aluno em caso de necessidade	Os professores têm uma função importante na formação dos alunos.
Às vezes, eu relaxo porque não vejo só o lado da escola, mas o de casa também.	Converso com os pais e procuro a psicóloga da escola.	Tem casos que não pode, não pode. Mas, às vezes eu me sinto madrastra. Quando não se diz não na infância, não vai ter limite na adolescência e na vida adulta.	Vai acarretar comportamentos inadequados, não só na infância, mas também na adolescência e vida adulta.	Só da psicóloga da escola, sobre como conversar e agir com o aluno.	O professor é o espelho do aluno.
Normalmente, temos que ser firmes, caso contrário perdemos o controle da turma. Quando o aluno muda de comportamento merece um certo crédito.	Costumo conversar com eles. Nos casos mais graves, tiro o recreio.	Até o momento não tive nenhum caso que me incomodasse. Tento intervir sem tirar a ordem dos pais.	Acho que vão sentir dificuldades pela falta de base e, quando adultas, vão ter que mudar muito para não se sentirem excluídos.	Caso não consiga resolver com o aluno, peço ajuda aos pais ou à direção.	A responsabilidade do professor é muito grande, especialmente nos dias de hoje quando os pais são ausentes.
Quando eu digo não é não, mas se muda de comportamento, ganha a minha confiança	Converso com a coordenação, chamo a mãe de imediato. Agora tem aluno que eu já disse: ou ele ou eu na sala de aula.	Eu fico a ponto de morrer. Eu tento controlar para não passar para eles minha sensação de desespero. Guardo para mim.	Violência, falta de caráter, tornar-se um adulto problemático e violento.	No dia que eu não consiga impor limites em sala-de-aula, desisto de ser professora.	O professor deve colocar limite nele primeiro, para servir de exemplo.

**Quadro 2: Síntese das Entrevistas com as Mães**

<b>Identificação</b>	<b>Conceito de limites</b>	<b>Como estabelecer limites</b>	<b>Dificuldades sentidas e encontradas</b>	<b>Conceito de limites ultrapassados</b>
Luci 25 anos casada há 6 anos sup. incompleto um casal de filhos estudante 3 salários mínimos	Impor uma ordem ou corrigir a criança quando ela faz algo errado.	Sim, no momento que eles demonstram que fazem algo que não podem.	Sim, Principalmente quando imponho uma ordem e depois de cinco minutos, ela comete o mesmo erro. Mas, até o momento, não tivemos dificuldade.	Eles vivem ultrapassando, pois nessa fase (6 e 2 anos) a criança busca sempre novidades.
Tati 27 anos separada há 2 anos 2º grau dois filhos do lar 3 salários mínimos	E' a criança aceitar o não ou o sim.	Tento, mas ele nunca obedece.	Sim, ele nunca faz o que eu mando, então apanha. Depois ele se chega, pede desculpa e começa tudo de novo. Ele nunca me obedece e entramos em atrito.	Ele pede para apanhar. Eu saio de perto para não fazer besteira.
Nena 33 anos casada há 12 anos primário um filho do lar 3 salários mínimos	Pediu para responder depois	Às vezes, quando quero conseguir algo dele. Ex.: Só joga bola se terminar as tarefas.	Não, nem sempre converso muito com meu filho. A mãe prefere disciplinar porque o pai bate. Precisam ser enérgicos, pois ficam com pena, relaxam. Os pais discordam da educação do filho.	Quando ele altera a voz e grita com os pais, faz careta, dá de ombros e canta a música "tô nem aí".
Ana 31 anos casada há 13 anos sup. incompleto um casal de filhos professora 8 salários mínimos	Forma amigável dos filhos respeitarem e obedecerem os pais, cumprindo as regras estabelecidas pela família.	Sim, sempre mostrando as maneiras positivas de agir.	Sim, porque os limites que dou são modificados pela escola e amigos. Por isso, precisamos mais atenção para que a televisão, as amizades e a mídia não influenciem tanto.	Quando o mesmo não cumpre as ordens determinadas por nós. Tentamos conversar, mas caso permaneça o mesmo comportamento, partimos para repressão e castigo.
Dani 27 anos casada há 12 anos sup. incompleto duas filhas professora 5 salários mínimos	Impor regras que visam a boa conduta dos filhos.	Sim, levando-as a conhecer regras e horários, explicando os porquês e punindo quando se excedem.	Sim, porque as crianças não entendem as conseqüências da falta de limites. E' preciso fazê-los entender o porquê do nosso não.	Quando começa a ultrapassar as vontades e os gostos.

<b>Firmeza no dar limites</b>	<b>Reação à falta de limites</b>	<b>Sentimentos ao negar algo</b>	<b>Consequência da falta de limites</b>	<b>Necessidade de ajuda de alguém</b>	<b>Responsabilidade dos pais</b>
Sim, pois sei que se voltar atrás o fato se repete, por isso converso, boto de castigo, pelo tom de voz ele já sabe que eu não estou brincando.	Tento uma conversa aberta, mas se não resolver, uma boa palmada resolve.	Negar algo, quando for conveniente, acho, extremamente necessário.	Uma falta de respeito não só com os pais, mas com todos: pode tornar-se uma criança sem controle.	Até o momento, não.	Os pais têm obrigação de orientar e explicar com clareza os lados positivo e negativo de cada situação. São um referencial para os filhos.
Quando está de castigo faz carnaval, tenho pena libero. O padrasto dele diz que não tenho moral. Obedece aos vizinhos, sobrinho e avô paterno; com a avó, pinta e borda.	Bato nele e mando para a casa de alguém da família, porque fico descontrolada, a ponto de fazer uma besteira.	Ele não é de pedir, mas quando pede e eu não posso, tento explicar o porquê não posso. Mas tem sempre alguém que atende seus pedidos.	Apesar de tudo, acha o filho sentimental	Sim, a todos os familiares e os avós paternos. Pensei também na escola, mas não o fiz. Peço muito ajuda a tia para terem paciência com ele.	Tudo é a agente, quando consigo uma pessoa para ajudar, ele bate boca com ela.
Depende da situação. Os pais não se mantêm firme e tiram a autoridade um do outro. Só se comporta quando quer algo. Obedece mais à mãe.	Bate, fala, mas não adianta. O pai fala, grita e ameaça, mas não passa disso e não cumpre o que fala.	Quando não é certo o pai nega e tudo bem. Mas, a mãe se altera, grita, ameaça e depois se acalma e passa.	Se continuar do jeito que está, seguirá o caminho errado.	O pai nunca sentiu, mas a mãe acha que ele precisa de uma psicóloga. O pai acha que apanhou, tem que revidar. Na escola não prestam a atenção a ele.	A participação dos pais é fundamental; os pais são um referencial importante para os filhos.
Sim, nos mantemos firme porque, no futuro, contribuirá de forma positiva. O que pode, não pode o que pode, pode. Atende aos pais igualmente.	Procuro conversar, tento ajudar, caso não obtenha o efeito desejado, passo para o pai e pensamos juntos para reverter a situação.	E' muito ruim o lema dos pais "dar o que tiveram". No caso de negação procuramos conversar e procuramos mostrar porque não podemos suprir aquela necessidade.	As crianças que não têm limites, educação, acompanhamento, às vezes, apresentam comportamento negativos e problemáticos.	Até hoje não, sempre conversamos sobre o que é certo ou errado.	Saber dosar os limites. O papel dos pais é acompanhar.
Somos firmes, um não tira a autoridade do outro. Porém quando a ordem é dada por impulso e foi muito rígida voltamos atrás. Ouve mais o pai do que a mãe.	Tiramos temporariamente o que elas mais gostam de fazer, que é assistir televisão.	De extrema necessidade para que eles se acostumem com a situação. É difícil, mas é necessário.	Gera uma criança sem responsabilidade, achando que pode tudo e que o mundo gira ao seu redor; é um perigo até para os pais.	Recorremos aos avós, nas birras da primeira filha, no mais, peço orientação, reflito e converso com Deus.	Total e fundamental, os pais são um referencial importante para os filhos.

**Quadro 3: Síntese das Entrevistas com os Pais**

<b>Identificação</b>	<b>Conceito de limites</b>	<b>Como estabelecer limites</b>	<b>Dificuldades sentidas e encontradas</b>	<b>Conceito de limites de limites ultrapassados</b>
Fred 38 anos casado há 16 anos sup. Incompleto dois filhos técnico informática 8 salários mínimos	São regras gerais que regem a família e a sociedade, que deverá ser ensinada, à medida que os fatos vão acontecendo no cotidiano da criança.	Sim. Horários de tarefas escolares, higiene pessoal, alimentação, lazer programas de televisão, bem como respeito aos espaços dos outros e consumo da criança.	Sim. Até mesmo pelo fato que limites disciplinares têm que ser respeitados por todos de casa, o que nem sempre é real.	Quando desobedecem e impõe sua vontade, a partir de choros, chantagens, gritos ou comportamentos “geniosos” são mais difíceis dos pais se manterem firmes.
Léo 37 anos casado há 8 anos 2º Grau um filho aux. administrativo 4 salários mínimos	É tudo aquilo que devemos determinar para que a educação seja mantida da melhor maneira possível, e as regras não sejam ultrapassadas.	Sim, sempre procuro informar através do diálogo, lhe mostrando a melhor maneira de fazer as tarefas e resolver os problemas que podem surgir.	Às vezes, devido ao pouco tempo que tenho para acompanhar o crescimento da filha. Só posso dar atenção a ela com maior frequência nos finais de semana.	No momento em que você diz para ela o que é pra ser feito e como deve ser feito e a mesma não cumpre as ordens, ou seja, não obedece de maneira eficiente.
Caio 42 anos casado há 18 anos superior incompleto 3 filhos bancário 4 salários mínimos	Entendo que é ditar certas regras para as relações sociais, cumprir os deveres da escola e os comportamentos com a família.	Sim. Nós fazemos isso em casa, mas existem muitas diferenças com a minha esposa, porque uma vez eu digo que é assim, e ela diz que é assado.	Quando ela deixa de cumprir as ordens que nós damos em casa. Acho que na escola é quando ela não faz as tarefas que as professoras mandam.	Quando ela insiste em querer fazer as coisas que a gente não concorda. Por exemplo: hora de brincar é para brincar. Hora de estudar é para estudar.
Neto 38 anos casado há 14 anos 2º Grau um filho motorista 3 salários mínimos	É a criança respeitar e obedecer para com os pais e os mais velhos: “Eu sou daquele que quando os pais falavam, não contestava de jeito nenhum. Senão, o pau comia.	Sim, lembrando sempre em primeiro vêm as obrigações e depois as diversões. Muito embora, muitas vezes eu relaxo e ele faz quando quer, e quando fica muito rebelde, umas boas palmadas resolvem.	Às vezes, quando encontro alguma dificuldade, através de um diálogo que consigo contornar a situação. O maior problema é a dificuldade que eu e a mãe encontramos para chegar a um ponto comum.	Quando não respeita e nem obedece às ordens recebidas. Então procuro conversar com ele, com calma e paciência, mas quando não resolve, umas palmadas funcionam.
Ivan 41 anos casado há 20 anos téc. Informática 03 filhos almoxarifado 6 salários mínimos	Na minha opinião, atualmente não há limites disciplinares, quanto mais se tenta orientar os filhos mais se precisa chegar junto, educar.	Sim, de maneira que as crianças cumpram com seus deveres e obrigações, pré-determinados pelos pais.	Às vezes, porque dentro do possível tento negociar com eles, quando os limites são ultrapassados.	Quando não seguem as orientações impostas pelos pais, ficam dando desculpas por suas desobediências, tentando enganar.

<b>Firmeza no dar limites</b>	<b>Reação à falta de limites</b>	<b>Sentimentos ao negar algo</b>	<b>Consequência da falta de limites</b>	<b>Necessidade de ajuda de alguém</b>	<b>Responsabilidade dos pais</b>
Tento não voltar atrás, mas muitas vezes renegocio, através do diálogo, mas mostrando para ele o seu erro.	Tento conversar. Se não fluir, não surtir efeito, fica de castigo, inclusive falo o motivo e tentado relacionar as normas para viver	É preciso negar, algumas vezes no sentido de que é educativo a criança saber que nem tudo é possível de acontecer com as suas vontades.	O desenvolvimento de jovens e adultos sem a percepção de respeito às regras e leis que reger os modelos de sociedades.	Sim. Várias vezes, mas não recorro à pessoa especializada. Converso com amigos, vizinhos e colegas do trabalho.	É enorme, porque é na família que se começa a viver em sociedade. Os pais são os primeiros referenciais para os filhos.
Costumo não voltar atrás, mas às vezes para não ir contra minha esposa termino cedendo e às vezes reconheço que ultrapassei os meus limites.	Fico muito chateado e ao mesmo tempo irritado, tento dizer e mostrar o que é certo ou não, sempre através do diálogo.	Sempre procuro informar à minha filha o que está acontecendo no momento e que não vai dar para fazer o que ela quer.	Acriança que cresce sem limites, geralmente se torna uma pessoa ignorante, autoritária e sem sentido de mundo.	Até o momento não, mas confesso que não é tarefa muito fácil educar nos dias de hoje, devido ao pouco tempo que temos para os nossos filhos.	É os pais sempre acompanhar e incentivar com muito amor e carinho a educação dos filhos, para que a criança possa crescer e desenvolver.
Sou uma pamonha para brigar com minha filha. Não acredito que um pai seja brabo com sua filha. Deixo isso para a mãe dela resolver	Eu fico agoniado. Como é que a pessoa poderá ser feliz amanhã, se só quer brincar e ver televisão hoje. Aí dá vontade de botar de castigo.	Às vezes, não se pode dar tudo que queremos para nossas filhas. E agora vem o pior: nós também não podemos dar tudo.	Se não tiver um código de moral, uma lei que regule a vida social, aí vai virar uma verdadeira bagunça.	Várias vezes, porque não somos profissionais. A coisa fica pior quando essa criança é nossa filha. Nós temos que pedir ajuda aos professores.	Total. A família é o coração da sociedade. Se não organizarmos nossa família, a nossa sociedade vai ser uma terra de ninguém.
Procuo manter firme, mas às vezes a mãe vem e desfaz a minha ordem ou tira do castigo. Eu fico com muita raiva dela e brigamos na frente do menino.	Procuo falar com ele. Às vezes fico chateado com suas caras feias, mas logo eu esqueço e tento compensar com passeios, brincadeiras ou algum pedido.	Para tudo tem limite, só não pode dar tudo o que os filhos querem. Apesar de ficar com o coração apertado quando não posso atender os seus pedidos.	Comportamento de rebeldia, falta de respeito aos pais, más companhias ou até vícios. Como por exemplo: roubo, fumo, droga e álcool.	Da minha parte não, mas a mãe sempre se queixa para os irmãos e pais dela sobre o nosso filho. Eu acho desnecessário; com o tempo tudo se conserta.	É de fundamental importância, por isso procuro sempre estar ao lado dele, brincando, conversando e quero que ele me veja como um amigo.
Muitas vezes, volto atrás por pena e como tive uma infância muito sacrificada, gostaria de lhes dar muito, tudo que não tive.	Quando eles insistem em fazer o que não devem ou desobedecem a uma ordem dada, peço à mãe para resolver; Caso ela não consiga, fico bravo com eles e coloco de castigo.	Acho importante, porque nem tudo que eles pedem está dentro do nosso alcance. Fico triste, por não poder atender ao pedido e logo que posso realizá-lo, atendo o seu pedido.	Podem se tomar, futuramente, pessoas egoístas, rebeldes e mal-criadas. O que me traria desgosto, porque significa que eu não consegui passar de forma correta a educação que recebi de meus pais.	Até o momento não, mas se um dia precisar, não terei vergonha em recorrer a um parente, amigo ou profissional especializado.	É muito e vital, pois a educação é a base de tudo; moral, ética, valores, aprendizagem, conceito, limites, ou seja o começo do seu ingresso nos grupos sociais. E um filho que não é bem educado, no futuro terá problemas.

## 5.2. ANÁLISE GERAL DAS ENTREVISTAS

Apresentaremos agora uma análise geral dos dados obtidos nas entrevistas com as professoras, as mães e os pais.

### 5.2.1. Análise Geral das Entrevistas com as Professoras

Segundo os dados obtidos nas entrevistas realizadas com as professoras, observamos que, sobre o conceito de limites: a) “São normas estabelecidas para que as professoras possam saber até onde podem ir, ao mesmo tempo que adquirem segurança para trabalhar” (Valéria, 35 anos); b) “Dar regras e estipular um tempo para que os alunos sejam capazes de cumprir suas atividades” (Aldeci, 28 anos). Essas afirmações convergem para a conceituação apresentada por Tiba (1996), Rego (1996) e Xavier (2002), os quais definem a disciplina escolar como o conjunto de regras que favorece ao aprendizado e ao processo de conhecimento, comprometidos para um bom desempenho escolar, através do relacionamento professor-aluno.

Ao serem abordadas sobre a maneira de estabelecer limites, elas relataram o seguinte: a) “Mostrando que os alunos não podem fazer tudo o querem, na hora e do jeito que as crianças gostam” (Valéria, 35 anos, Aldeci e Regina, 28 anos). Tal concepção vem corroborar a colocação de Fortuna (1995) que afirma ser preciso estabelecer um sistema de estímulo que favoreça o desenvolvimento da responsabilidade dos alunos, muito mais que punir, o que vem a exigir uma atuação continuada dos professores. Para o citado autor, os alunos não mudam de um dia para o outro. Em educação é absolutamente necessário contar com o tempo, pois o importante é a formação.

Quando foram questionadas sobre as dificuldades sentidas, três professoras enfatizaram a falta de educação doméstica, como a causa da indisciplina na sala de aula, quando declaram que: a) “Em casa os alunos fazem o que bem entendem e quando chegam na escola, querem fazer a mesma coisa” (Aldeci, 28 anos); b) “A grande maioria dos alunos não recebe limites dos pais, o que dificulta o trabalho do professor” (Valéria, 35 anos); c) “Alguns seguem as regras, entretanto, outros não querem obedecer às ordens dadas pelos professores. Os pais jogam a responsabilidade para os professores” (Regina, 28 anos). Essas declarações estão em sintonia com o entendimento de Aquino (1996), ao afirmar que a escola não está isolada no contexto no qual está inserida, estando, portanto,



em íntima relação com a família dos alunos e com outros sistemas. Isso também remete à propriedade dos sistemas denominada intercâmbio com o meio que postula que o sistema sofre influência do meio onde se localiza (FIGUEIREDO; DIAS, 1996).

Verificamos, também, essa mesma convergência com o pensamento de Vygotsky (2000) e Rego (1996) ao afirmarem que os professores não deveriam, no caso da indisciplina por parte de um aluno, procurar somente apontar o culpado, mas realizar uma análise mais detalhada de tudo que está favorecendo aquele comportamento.

Acerca da ultrapassagem dos limites, as professoras declaram que esta ocorre quando os alunos fazem as coisas do jeito que querem; quando sua paciência esgota, culpando a família por não colocar limites para eles. Exemplificando o que foi dito temos as seguintes falas: a) “Quando o aluno faz o que ele quer, do seu modo, normalmente, já não cumpre em casa” (Valéria, 35 anos); b) “Quando perco a minha paciência, é sinal de que o aluno esgotou todos os limites” (Regina, 28 anos).

Percebe-se, através dessas falas, alguma semelhança com a afirmação de Schettini (1997), quando afirma que cabe à escola orientar também os pais no sentido de organizar os horários e ajudar o filho a estudar, bem como orientar os pais sobre a melhor maneira de auxiliar os filhos.

Nesse espaço, a criança aprenderá novas formas de adaptação e defesa, a conviver com crianças de diferentes idades e sexos, bem como com adultos que não os de sua família, o que se constitui numa rica experiência para seu desenvolvimento. Além disso, a escola proporcionará a adaptação da criança ao estabelecimento de limites e ao cumprimentos de regras, sendo uma continuação do que ela aprende no ambiente familiar.

No que se refere à firmeza em estabelecer os limites, a maioria argumenta que se mantém firme, no entanto, são flexíveis quando o aluno muda o comportamento: “Quando eu digo não, é não, mas se o aluno muda de comportamento, ganha minha confiança” (Iara, 37 anos).

Verificamos muita semelhança com o pensamento de Aquino (1995), quando relata que a disciplina é um comportamento antigo nas atividades escolares, um apêndice social vinculado à Escola, um inimigo público e ostensivo que incomoda tanto a escola pública, quanto a privada.

Antunes (2002) aponta algumas saídas sobre a indisciplina na escola, onde o professor, através de sua conduta, firmeza e afetividade, pode demonstrar para seus alunos os limites do que “pode” e do que não “pode”. Para o referido autor, ensinar não é fácil e

educar é mais difícil ainda. Mas não ensina e não educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente do que é e do que não é permitido. O professor jamais pode acreditar nessa bobagem de que cada aluno já sabe o que pode e o que não pode fazer. Ninguém cresce se não é desafiado e todo jovem para crescer necessita desafiar. Por isso mesmo, esses limites têm que ser claros, lúcidos e reiterados. A aula necessita estar internalizada no aluno, assim como as regras de um esporte no seu praticante. “Bola na mão é uma coisa, mão na bola é outra completamente diferente”, disse o autor (ANTUNES, 2002, p. 36). Na aula, também, esse entendimento deve ser bem claro.

Quando foram abordadas acerca da reação à falta de limites, por parte dos alunos, as professoras relatam que costumam conversar com os mesmos; quando não resolvem, solicitam ajuda. Relacionando esta questão com a da necessidade de ajuda, temos que as professoras recorrem à família da criança, porém nem toda ela colabora. E também recorrem aos profissionais da escola (psicóloga, coordenadora, diretora, etc). Exemplificamos com as seguintes falas: a) “Quando a criança não muda, eu mando bilhete para a mãe. Alguns colaboram e outros não. Quando a família é estruturada, os pais participam.” (Aldeci, 28 anos); b) “Converso com a coordenação, a direção e chamo a mãe de imediato. Agora tem aluno que eu já disse: ou eu ou ele em sala de aula” (Iara, 37 anos). Às vezes, a própria professora toma uma decisão como é o caso de tirar o recreio.

Segundo Tiba (1996), a disciplina não depende exclusivamente de um indivíduo. Para implementá-la são necessário a existência do disciplinador e do disciplinado, de um objetivo e de um contexto. Em qualquer atividade que envolve seres humanos, temos de contar, também, com suas diversas personalidades e com o relacionamento estabelecido entre eles.

É necessário chamar a atenção para algumas características psicológicas dos relacionamentos humanos. Eles são interativos, isto é, ação provoca reação que por sua vez passa a estimular novas reações numa seqüência. O resultado final é o relacionamento interpessoal. Aqui vale lembrar a propriedade da retro-alimentação já referida no primeiro capítulo.

Ao lado da família, a escola permanece sendo um espaço de formação que deve para tanto, repensar sua ação formadora, preocupando-se em formar seus educadores para que os mesmos reúnam recursos que os permitam lidar com os conflitos inerentes ao cotidiano escolar.

Na escola, com os professores, orientadores e diretores, ela aprende as regras escolares e comunitárias. O contexto escolar é menos permissivo e proporcional menor envolvimento e desgaste afetivo que o meio familiar. Suas normas são as conseqüências de desrespeito a eles são mais claras e definidas. “Costumo conversar com eles. Nos casos mais graves, tiro o recreio” (Rosângela, 39 anos).

Indagadas sobre seus sentimentos ao negarem algo aos alunos, a maioria se referiu que, se for necessário, elas negam. Houve, no entanto, uma delas que disse que se sente “uma madrasta” (Regina, 28 anos) e outra que disse que fica “a ponto de morrer” (Iara, 37 anos).

Com a defesa da liberdade em todos os sentidos, apregoada durante a década de 70, constatou-se o surgimento de uma nova maneira de educar que trouxe conseqüências inesperadas. Algumas crianças ficaram desobedientes, não respeitando seus pais e professores, muitas vezes deixando de estudar, não querendo assumir compromissos profissionais, tornando-se rebeldes e, por conseqüência, alvo fácil de amigos.

Questionadas sobre as conseqüências da falta de limites, todas concordaram que esses alunos apresentar comportamentos inadequados, tais como: drogas, irresponsabilidade, imaturidade, podendo se tornar pessoas problemáticas e violentas, como se pode constatar em suas falas: “A falta de limites vai acarretar comportamentos inadequados, não só na infância, mas também na adolescência e vida adulta” (Regina, 28 anos). “A falta de limites acarreta sofrimentos à criança e a quem estiver à sua volta no futuro” (Valéria, 35 anos). Esses trechos ilustram o que fora referido por Gomide (2004), Rossini (2002), Tiba (1996), Zagury (2000).

Por fim, quando questionadas sobre a responsabilidade dos professores, foram unânimes quanto à sua importância sobre a formação dos alunos, assim como os pais. “Eles servem de espelho” (Regina, 28 anos).

De acordo com Tiba (2002), a criança absorve e quer ser igual aos pais ou outros ao seu redor. Quanto menor ela for, menos opções terão para escolher seus mestres. A admiração é um estímulo importante para que passe a imitar gestos dos pais e os aperfeiçoe, acertos e erros. O objetivo da criança é ser como as pessoas que tanto admira. Os pais funcionam como modelos a serem “incorporados”. E, assim, os filhos aprendem os padrões de comportamento familiar e escolar, o respeito pelos pais e professores e as noções de limites, deveres e obrigações.

Diante desse panorama social, educacional e cultural conflitante encontramos nossas crianças e adolescentes praticando atitudes e comportamento rebeldes e indisciplinados na sala de aula. O que deverem fazer? Em decorrência de tais considerações, compreende-se que não se deve atribuir tão-somente aos nossos alunos a responsabilidade por tais procedimentos em toda sua extensão, bem como aos nossos educadores e professores. Noutras palavras, percebe-se que tais comportamentos escapam do campo (ou esfera) da Instituição Escola isolada de determinado contexto social.

### **5.2.2. Análise Geral das Entrevistas com as Mães**

Segundo os dados obtidos nas entrevistas realizadas com as mães, constatamos que suas compreensões sobre o conceito de limite podem ser resumidas às seguintes definições: todas as mães, exceto uma demonstraram possuir um conceito correto do que sejam limites, que vêm corroborar as concepções de Schettini (1995), Tiba (1996), Zagury (2000) e Rossini (2004). Exemplificamos isso com a fala de Dani (27 anos): “Limites é impor regras que visam a boa conduta dos filhos”.

No que se refere ao estabelecimento de limites, denotamos que três mães conseguem estabelecê-los junto aos filhos, explicando e mostrando as maneiras corretas de agir. No entanto, duas delas indicaram ter dificuldades nesses aspectos: “Tento, mas ele nunca obedece” (Tati 27 anos). Outra mãe parece conseguir que o filho obedeça negociando com ele, por exemplo “Só joga bola se terminar as tarefas” (Nena, 33 anos). Tudo indica que as mães conseguiram assumir uma posição de autoridade junto aos filhos, a qual é necessária para a consecução dos limites (SCHETTINI, 1995).

Quando foram questionadas sobre as dificuldades sentidas, quatro mães admitiram que elas se devem à falta de entendimento por parte das crianças; bem como à influência da mídia, escola e amigos; à agressividade do filho e à repetição dos mesmos erros. Isso está de acordo com os autores já citados, especialmente o medo de desagradar e perder o afeto do filho, como também a insegurança pessoal das mães (SCHETTINI, 1995). A fala de Ana (31 anos), ilustra bem esse tipo de problema: “Sim, porque os limites que dou são modificados pela escola e amigos. Por isso, precisamos ter mais atenção para que a televisão, as amizades e a mídia não influenciem tanto”.

Diante da ultrapassagem dos limites, as mães concordam que percebem que os filhos estão ultrapassando as normas, quando querem que todas as suas vontades sejam

realizadas. Uma fala chama a atenção: “Quando ele altera a voz e grita conosco; faz carreta, dar de ombros e canta a música *Tô nem aí*” (Nena, 33 anos). Esse caso reflete a discordância dos pais em relação à criação do filho, bem como a pena que têm do mesmo, porque o acham pequeno ainda. Isto contraria o pensamento de Zagury (2001), quando afirma que os limites devem ser dados desde o início da vida da criança. Também aponta para conseqüências desagradáveis e até fatais, caso esses pais não retomem a autoridade junto a esse filho.

Outro caso preocupante é o da Tati (27 anos), que pede ao filho para sair de perto “para não fazer besteira”. Tudo indica que essa mãe parte para a agressão física no estabelecimento de limites ao filho, acarretando um relacionamento caracterizado por conflitos e ambivalência: “Ele nunca faz o que eu mando, então apanha. Depois ele se chega, pede desculpa e começa tudo de novo”. Isso vai de encontro à sugestão de Gomide (2002) de que a implementação das regras deve ser permeada com afetividade pelo filho.

Outra questão abordada foi a firmeza adotada pelas mães no estabelecimento dos limites. Novamente percebemos que três mães conseguem se manter firmes e respeitam a autoridade do parceiro; entretanto, uma mãe reconheceu que quando a ordem foi dada por impulso e de forma rígida, ela volta atrás. Tudo indica que essa mãe é mais sensata, pois ao mesmo tempo que se sente firme, reconhece e volta atrás quando percebe que foi injusta ou muito exigente.

As duas mães restantes continuam apresentando dificuldades (Tati e Nena), alegando que um tira a autoridade do outro, no casal, e que libera o filho: “porque ele faz muito carnaval quando está de castigo”. Nesses dois casos observamos divergências em relação ao que foi colocado por Schettini (1995), ao dizer que o adulto não deve se deixar enganar pelas astúcias da criança e também que os cônjuges devem respeitar a ordem dada um pelo outro.

No que tange às reações à falta de limites por parte do filho, três mães conversam; retiram as coisas que a criança gosta; dão palmadas e se aliam ao marido para reverter a situação. Tal posicionamento está de acordo com as concepções de Schettini (1995), ao considerar a retirada de coisas que dão prazer à criança, quando ela insiste em não obedecer. Por outro lado, Zagury (2001) e Gomide (2004) consideram que os pais devem ser coerentes com as normas estabelecidas.

Em contrapartida, duas mães adotam a agressão física e mandam o filho para a casa de alguém (Tati, 27 anos), enquanto a outra “bate, fala, mas não adianta” (Nena, 33

anos). Vemos claramente nesses dois casos a falta de firmeza das mães; o descontrole emocional e a inconsistência dos pais, acarretando a falta de respeito por parte dos filhos.

Outro aspecto abordado durante as entrevistas com as mães, refere-se à questão dos sentimentos experimentados por elas ao negarem algo ao filho, os quais passam por mostrar ao filho que elas não podem suprir aquela necessidade, embora considerem difícil essa negação. Isso remete à culpa que os pais sentem pela longa jornada de trabalho bem como pela ausência e cansaço, ao terem que dar conta de várias atividades na sociedade contemporânea, levando-os a concederem tudo para os filhos. (ROSSINI, 2002; SILVA 2003).

Quando foram questionadas sobre quais as conseqüências que poderiam acarretar a falta de limites, elas mencionaram que as crianças ficam descontroladas; seguirão o caminho errado; apresentarão comportamentos negativos e problemáticos e não terão responsabilidade, porque acham que tudo gira ao seu redor. De acordo com Schettini (1995), a criança sem limites está exposta a acidentes, que vão desde danos físicos a distúrbios psicológicos, os quais irão interferir, direta ou indiretamente, nas relações pessoais.

Quando ensinamos à criança a noção de limites, estamos, dessa forma, criando condições para relações interpessoais mais seguras. Por mais difícil e incômodo que seja dar limites aos filhos, trata-se de uma ação necessária para lhe oferecer condições de vida saudáveis nas relações com as pessoas e com o mundo. Dessa maneira, estaremos proporcionando os melhores instrumentos para a integração da criança no convívio social. (TIBA, 1996; ZAGURY , 2000; GOMIDE, 2004; ROSSINI, 2002).

Chama-nos a atenção o fato que as mesmas duas mães que não estão conseguindo implementar limites aos seus filhos, admitem que as conseqüências serão desastrosas.

Ao serem abordadas sobre a necessidade de ajuda, as mães tendem a recorrer aos familiares, especialmente aos avós, às professoras e a Deus. Só uma mãe acha que o filho precisa de uma psicóloga (Nena, 33 anos). Isso vem confirmar as transformações pelas quais a família nuclear vem passando, em que os papéis de seus membros também se modificaram e, provavelmente, estão sendo substituídos pela família extensa, onde avós, tios e demais parentes estão exercendo funções antes atribuídas aos pais (BUCHER, 1999). Isso também contradiz as metas pensadas pelos pais na educação de seus filhos, cujo lema

era fazer e agir de forma diferente dos seus pais. Hoje, nas primeiras necessidades e dificuldades, os avós são os primeiros a serem consultados (DIAS; SILVA, 1999).

Finalmente, quando abordadas sobre as responsabilidades dos pais na implementação dos limites aos filhos, todos admitiram que a participação dos pais é fundamental, pois eles são um referencial que os filhos têm. A fala de Luci (33 anos) ilustra muito bem esse fato: “Os pais têm a obrigação de orientar e explicar com clareza os lados positivos e negativos de cada situação. São referenciais para os filhos”. Isso vem corroborar a opinião de Zagury (2001) e Silva (2003), ao afirmarem que o papel dos pais ao educar os filhos, não tem apenas como objetivo agradá-los e conquistá-los, mas temos que fazer o que é necessário com clareza, segurança e firmeza e não, obrigatoriamente, o que gostaríamos ou, o mais agravante, o que eles gostariam que fizéssemos. Com a crise de autoridade verificada no tempo atual, as relações entre pais e filhos deram lugar a uma tendência à horizontalização e igualdade nas relações sociais, em lugar das relações hierárquicas e verticais. Conforme aponta a Teoria dos Sistemas (TONDO, 1998), esse projeto democrático da modernidade está se impondo na família, na escola, nas organizações e nas instituições, de tal forma que assumir a autoridade está se tornando bastante difícil.

Em síntese, constatamos que três mães parecem estar conduzindo adequadamente a educação dos filhos, no que se refere aos limites e nos chama a atenção que são aquelas que têm melhor nível de escolaridade (superior incompleto). E as outras duas (Nena e Tati), que vêm apresentando mais dificuldades, são as que não completaram seus estudos ou têm apenas o Ensino Médio. Isso parece indicar que a escolaridade é um fator relacionado à questão. Estabelecendo uma relação entre a postura das mães com os estilos que podem ser adotados pelos pais (GARCIA; SANCHEZ, 2003), cremos que três mães (Ana, Dani, Luci,) nos pareceram adotar o estilo *equilibrado*, uma vez que conversam, negociam e reconhecem seus erros quando ultrapassam suas normas, ao mesmo tempo que exigem disciplina por parte dos filhos. Por outro lado, Nena, juntamente com o marido oscilam entre os estilos *negligente e permissivo*, pois, embora reconheçam as falhas na relação com o filho, não conseguem estabelecer limites efetivos ao mesmo. Eles são pouco consistentes em suas normas, superprotetores e vulneráveis em relação ao filho. Por fim, Tati nos pareceu adotar o estilo *autoritário*, a qual utiliza o próprio poder e prioriza o cumprimento das regras, expressando pouco afeto e comunicação com o filho.

### 5.2.3. Análise Geral das Entrevistas com os Pais

Nas entrevistas realizadas com os pais constatamos no que se refere à sua compreensão sobre o conceito de limites, que todos apresentaram uma definição correta como sendo as regras disciplinares que regulam as relações sociais. Houve apenas um pai que fez comparação com a década passada ao referir que: “É a criança obedecer para com os pais e os mais velhos. Eu sou daquele tempo que quando os pais falavam não se contestava de jeito nenhum, senão o pau comia”. (Neto, 38 anos).

Esta fala vem confirmar o pensamento de Maldonado (1981), quando refere que os pais e os professores atuais, em grande parte, é descendente de uma geração que foi bastante reprimida, na qual a liberdade do indivíduo era submetida à autoridade e exercida diretamente por coação. Isto contrasta com a atualidade em que o valor máximo é a liberdade (ROSSINI, 2002).

Quando questionados sobre o estabelecimento de limites todos afirmaram que conversam, informam e estabelecem horários a serem seguidos pelos filhos, havendo apenas um pai que disse: “Quando o filho fica rebelde, umas boas palmadas resolvem” (Neto, 38 anos) e outro afirmou haver discordância entre ele e a esposa na criação do filho: “Sim, nós fazemos isso em casa, mas existem muitas diferenças com minha esposa, porque eu digo que é assim e ela diz que é assado” (Caio, 42 anos).

Quanto às dificuldades sentidas, os pais alegaram que nem todos da casa os seguem; queixaram-se também do pouco tempo que têm para acompanhar o desenvolvimento dos filhos e da discordância entre o casal no estabelecimento de limites. Isso remete às reflexões de Bucher (1999), ao referir que, devido à necessidade de trabalhar, os pais dispõem de pouco tempo para os filhos, delegando suas atribuições a parentes, babás, empregadas domésticas ou mesmo os professores e outros profissionais. Silva (2003) também salienta que o pouco tempo dedicado aos filhos parece insignificante, em comparação com os demais compromissos, o que pode levar os pais a uma relação de dívida com os mesmos.

No que tange à ultrapassagem dos limites, na opinião dos pais, ela se dá quanto as crianças tentam enganar os pais, não respeitam as ordens estabelecidas e querem impor sua vontade através de choro, chantagens, gritos e comportamentos “geniosos”. Vale lembrar as estratégias que deveriam ser adotadas pelos pais: ausentar-se de cena quando a



criança adota comportamento explosivo e de birra e não deixar-se enganar pela astúcia da criança e os cônjuges devem respeitar as ordens dadas por cada um (SCHETTINI, 1995).

Questionados se mantêm firmes nas ordens dadas, a maioria dos pais procura se manter firme, porém dois voltam atrás, negociando e dialogando com o filho. Outro afirmou que há desentendimento com a esposa na frente do próprio filho: “Procuo me manter firme, mas, às vezes, a mãe vem e desfaz a minha ordem, ou tira do castigo. Eu fico com muita raiva dela e brigamos na frente do menino” (Neto, 38 anos). Outro afirmou: “Muitas vezes volto atrás, por pena, e como tive uma infância muito sacrificada, gostaria de lhe dar muito, tudo que não tive” (Ivan, 41 anos). Para Zagury (2001), a decisão por parte do pai ou da mãe de dar tudo o que ele/ela não teve está relacionado a alguma coisa não resolvida no passado. Esta última fala evidencia o quanto esse pai se identifica vicariamente com o filho a ponto de querer lhe dar tudo como uma forma de suprir suas próprias carências na infância.

Outra fala que nos chamou a atenção é a de Caio (42 anos): “Eu sou uma pamonha para brigar com minha filha. Como é que um pai pode ser grosso com sua filha? Eu não acredito que um pai possa ser bravo com sua filha e deixa esses problemas para a mãe resolver. Minha filha é uma boneca, não tenho coragem de falar grosso com ela. Entendo que essa tarefa é da mulher. Homem cuida de homem.”

Entendemos esse trecho como representando o medo de desagradar e perder o afeto do filho; o medo de não ter limites ao dar limites; bem como a insegurança pessoal, apontados por Schettini (1995). Além disso, ela reflete as concepções de papel relacionados ao gênero, em que “homem cuida de homem e mulher cuida de mulher”.

Quanto à reação à falta de limites, por parte dos filhos, os pais tentam conversar; pedem à mulher para resolver e tentam compensar a criança com outras atividades, como passeios e brincadeiras. Dois pais colocam de castigo, quando percebem que os filhos estão esgotando todas as ordens dadas: “Quando eles insistem em fazer o que não devem ou desobedecem a uma ordem dada, peço à mãe para resolver. Caso ela não consiga, fico bravo com eles e coloco de castigo” (Ivan, 41 anos).

Novamente, percebemos como papel do gênero está presente, ao atribuir à mulher a capacidade de resolução dos problemas ocorridos no ambiente doméstico, por parte desse pai.

Quando indagados sobre os sentimentos experimentados ao negar algo aos filhos, a maioria concorda que é necessário fazer isso e que não se pode fazer tudo o que os

filhos querem, embora fiquem “com o coração partido” quando não podem atender ou realizar o pedido dos filhos: “É preciso negar algumas vezes no sentido de que é educativo os filhos saberem que nem tudo é possível de acontecer conforme sua vontade” (Fred, 38 anos).

Questionados sobre as consequências da falta de limites, a maioria admite que as crianças podem se tornar pessoas egoístas, rebeldes, se meterem com más companhias e vícios: “A criança que cresce sem limites geralmente se torna uma pessoa ignorante, autoritária e sem sentido de mundo” (Léo, 37 anos)

No que tange à necessidade de ajuda, três pais afirmaram que, até o momento, não necessitaram, mas, se precisarem, não se envergonharão de recorrer a um parente, amigo ou profissional. Os outros dois procuram conversar com amigos, vizinhos, colegas de trabalho e professores: “Várias vezes, porque não somos profissionais. Nós temos mesmo é que pedir ajuda” (Caio, 42 anos).

Acerca da responsabilidade dos pais todos concordam que é total, fundamental e vital para a educação dos filhos.

Em síntese, os pais demonstraram ser mais coerentes, tentando usar o diálogo e a compreensão na educação dos filhos. Alguns apelam para as esposas, ou, em último caso, castigam os filhos. Tudo indica que o modelo tradicional de autoridade rígida, adotado pelas gerações passadas, ainda se confunde com o modelo igualitário, presente na atualidade, gerando confusão na sua forma de educar. Outro fator que foi levantado foi a falta de tempo para lidarem com os filhos, dado que estão envolvidos com o trabalho. Inclusive, no caso de Léo, em que a esposa também trabalha, eles delegam o cuidado dos filhos aos avós, cuja influência também não pode ser esquecida. Isto corrobora o pensamento de Bucher (1999) quando se refere às dificuldades encontradas atualmente pelos pais para educar seus filhos.

Ao nosso ver, os pais, em sua maioria, podem se encaixar no estilo *pais equilibrados* (GARCIA; SANCHEZ, 2003) que se caracteriza por dar afeto e estabelecer comunicação, porém com exigência e controle. Não são rígidos, pois se adaptam à situação, podendo alterar seu comportamento se ela assim o exigir.

Retomando o que foi colocado no primeiro capítulo, especificamente sobre a Teoria Sistêmica, concordamos com Esteves de Vasconcellos (2005) no sentido de que ao pensar sistemicamente, tomar-se-á como regra a de sempre descrever o problema com o verbo *estar* em vez do verbo *ser*. Assim, o professor ou o pai que diz que a criança é

desobediente, tenderá a culpabilizá-la e responsabilizá-la, em vez de se perguntar: “está desobediente na relação com quem?” Desse modo, é possível perguntar-se: “em que estou contribuindo para que ela esteja desobediente?” E assim será possível mudar a relação entre os dois.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo geral investigar a concepção que os pais e os professores têm acerca dos limites que poderão ser aplicados às crianças, em decorrência de seus comportamentos inadequados. Através dos dados obtidos com os pais, as mães e as professoras entrevistados, pudemos concluir o seguinte: 1) quanto ao significado dos limites todos foram unânimes em dizer que são as regras disciplinares que regulam as relações sociais, em consonância com os autores que foram pesquisados; 2) em relação aos critérios adotados para sua efetivação, a maioria admitiu a necessidade do estabelecimento dos limites adotando, para tanto, a conversa, a negociação, a retirada de algo que a criança gosta de fazer, a informação sobre as necessidades e as conseqüências do não cumprimento das normas, uma atenção contínua ao comportamento da criança. Houve uma mãe e um pai que adotam castigos físicos, caso a criança insista em não obedecer; 3) a falta de limites, na perspectiva dos participantes, pode acarretar comportamento anti-social e problemático na adolescência e vida adulta, uso de drogas, más companhias, violência e vícios; 4) as dificuldades sentidas para a implementação dos limites na escola foram, na concepção dos professores, a falta de educação doméstica, consistindo no fato de que os pais jogam a responsabilidade de educar os filhos para os mesmos, enquanto que as mães referiram-se à falta de compreensão da criança, à influência da mídia, escola e amigos, e os pais alegaram a falta de tempo para acompanharem seu desenvolvimento; 5) no que tange à necessidade de buscarem ajuda, os professores recorrem à direção da escola, bem como à coordenação, aos psicólogos e à família da criança, enquanto os pais recorrem aos familiares (especialmente aos avós), aos amigos, aos vizinhos, à escola e a Deus; 6) em relação às responsabilidades de cada contexto, os professores e os pais foram unânimes em reconhecer sua importância no processo de desenvolvimento das crianças, considerando-se espelho, referencial e modelo para as mesmas.

Devemos destacar que, quando relacionamos as informações obtidas nas entrevistas com os professores, as mães e os pais, quanto ao estabelecimento de limites à criança, verificamos que os mesmos já tomaram consciência da sua importância no processo educativo. No entanto, para justificarem seus posicionamentos, na maioria das vezes, tentam jogar suas responsabilidades uns para os outros e para terceiros. A escola coloca a culpa nos pais; os pais, por sua vez, colocam a culpa na escola; ambos colocam a culpa no corre-corre da vida diária, na tecnologia ou até mesmo na própria sociedade com

seus desafios atuais. Ao nosso ver, não adianta adotar esse jogo de “empurra”, mas sim averiguar, com todos os envolvidos, o que está ocasionando aquela situação a fim de que ela possa ser resolvida satisfatoriamente.

A compreensão da teoria sistêmica nos leva a sugerir que, diante de um problema como é o caso da indisciplina ou falta de limites, o profissional que atua sistemicamente se perguntará o está acontecendo no sistema constituído por todos os envolvidos no problema: a escola, a família e o portador do problema. Ele também procurará compreender como esse último, com seu comportamento, está expressando sua intenção com esses sistemas e como cada um está colaborando para sua manutenção.

Como pudemos ver, no decorrer do estudo, são vários os fatores que contribuem para a indisciplina advindos da escola, da comunidade, bem como da família, incluindo as características das pessoas envolvidas. Um dado que merece maior investigação é sua relação com a escolaridade dos pais, pois houve indícios de que as mães com menor escolaridade apresentaram maior dificuldade para estabelecer limites aos filhos.

Por fim, é importante considerar que a indisciplina de uma criança, tanto na escola, como na família, deve ser vista sob um ângulo positivo pois está sinalizando algo que precisa ser mudado e que pode ser fonte de aprendizado e crescimento mútuo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDOLFI, M. *Terapia familiar*. Lisboa: Vega, 1981.

ANTUNES, C. *Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2002.

AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, J. G. (Org.) A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: \_\_\_\_\_ *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. p. 39 – 55.

BARBOSA, M. C. S.; XAVIER, M.L.M. Os primeiros estudos. In XAVIER, M. L. M. (Org.). *Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 23-27.

BERTALANFFY, L. V. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1975.

BUCHER, J. S. N. F. O casal e a família sob novas formas de interação. In CARNEIRO, T. FÉRES- (Org.). *Casal e família, entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 82-95.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. A. *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTAS, R. Com medo dos alunos. *Revista Veja*, Rio de Janeiro, a.38, n. 19, p.62-66, 2005.

CUBERO, R.; MORENO, M.C. Relações sociais nos anos pré-escolares: família, escola, colegas. In: COOL, C., PALACIOS, J., MARCHESI, A. (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p.190-202.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, D. V. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In CARNEIRO, T. FÉRES- (Org.). *Casal e família, entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 118-149.

ESTEVES, M. J. V. Pensamento sistêmico. *Pitágoras em Rede*, Campinas, a. 1, p. 3-5, nov. 2002.

ESTEVEES, M. J. V. *Pensamento sistêmico, o novo paradigma da ciência*. Campinas, Papirus: PUC-MG, 2003.

ESTEVEES, M. J. V. implicações do pensamento sistêmico em diversos contextos de práticas profissionais. In: AUN, J. G.; ESTEVES, M. J. V.; COELHO, S. V. (Org.). *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2005, p. 115-141.

FIGUEIREDO, L. G.; DIAS, C. M. S. B. Teoria dos sistemas gerais: *conceitos e aplicações na Terapia Familiar*. Cadernos de Textos do CCHLA, João Pessoa, v. 5, p. 7, 1996.

FORTUNA, T. R. Indisciplina escolar: da compreensão à intervenção. In XAVIER, M. L. (Org.). *Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões*. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 87-104.

GARCIA, J. A; SÁNCHEZ, J. M. R. *Education familiar e autoconcepcion em ninõs pequenos*. Madri: Pirâmide, 2003.

GOMIDE, P. I. C. *Pais presentes, pais ausentes: regras e limites*. Petrópolis: Vozes, 2004.

HICKMANN, R. I. Escola e família: tênues limites na disciplina. In XAVIER, M. L. (Org.). *Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 75-83.

MACEDO, R. M. O terapeuta de família como especialista. In: MACEDO, R. M. (Org.). *Terapia familiar no Brasil: estado da arte*. São Paulo: Associação Paulista de Terapia Familiar, 1995, p. 137-151.

MACEDO, R. M. A família diante das dificuldades escolares dos filhos. In: OLIVEIRA, V. B., BOSA, N. A. (Org.). *Avaliação psicopedagógica da criança de 0 a 6 anos*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 185-206.

MALDONADO, M. T. *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

OSÓRIO, L. C. *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PASSOS, L. F. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996, p. 117-127.

PETRAGLIA, I. C. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 57-62.

REBELO, R. A. *Indisciplina escolar: causas e sujeitos*. Petrópolis. Vozes, 2003.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. G. (Org). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. p. 83 – 101.

ROSSINI, M. A. S. *Pedagogia afetiva*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHETTINI, F. L. *Carão com carinho*. Recife: Bagaço, 1995.

SCHETTINI, F. L. *A criança de 6 a 10 anos: na família e na escola*. Recife: Bagaço, 1997.

SILVA, V. C. A. Uma questão de limite. *Educação e Família*, São Paulo, a. 1, p. 60-63, 2003.

TIBA, I. *Disciplina: o limite na medida certa*. São Paulo: Gente, 1996.

TIBA, I. *Quem ama educa!* São Paulo: Gente, 2002.

TONDO, C. T. Terapia Familiar: bases, caminhos percorridos e perspectivas. In SOUZA, Y. S., NUNES, M. L. T. (Org.). *Família, organizações e aprendizagem*. Porto Alegre: PUC-RS, 1998. p. 37-104.

VIGOTSKI, I. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fonte, 2000.

VIGOTSKI, I. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

XAVIER, M. L. M. A disciplina escolar: origem do interesse pelo tema. In: XAVIER, M. L. M. (Org.). *Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 11-18.

ZAGURY, T. *Educar sem culpa*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ZAGURY, T. *Limites sem traumas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.



# **ANEXOS**

**ANEXO I - Roteiro de Entrevista com os Pais**

- 1) O que você entende por limites disciplinares na educação dos filhos?
- 2) Você estabelece limites disciplinares para seus filhos? Como?
- 3) Você considera difícil estabelecer limites disciplinares para seus filhos? Quais as dificuldades encontradas?
- 4) Em sua opinião, quando uma criança está ultrapassando limites disciplinares?
- 5) No cumprimento de uma ordem, você se mantém firme ou volta atrás da ordem dada anteriormente? A quem seu filho mais obedece?
- 6) O que você faz quando seu filho insiste em apresentar comportamentos que não lhe agradam? Como você reage?
- 7) Qual a sua opinião sobre a necessidade de negar algo para seu filho?
- 8) Que conseqüências você acha que pode acarretar a falta de limites na educação da criança?
- 9) Alguma vez você sentiu necessidade de ajuda para educar seus filhos? A quem recorreu?
- 10) Qual a responsabilidade dos pais na questão dos limites?

## ANEXO II - Roteiro de Entrevista com os Professores

- 1) O que você entende por limites disciplinares na educação das crianças?
- 2) Você estabelece limites disciplinares para seus alunos? Como?
- 3) Você considera difícil estabelecer limites disciplinares a seus alunos? Em que situações? Quais as dificuldades encontradas?
- 4) Na sua opinião, quando uma criança está ultrapassando limites disciplinares?
- 5) No cumprimento de uma ordem, você se mantém firme ou volta atrás da ordem dada em sala-de-aula?
- 6) O que você faz, quando seu aluno insiste em apresentar comportamentos inadequados na sala-de-aula? Como você reage ?
- 7) Qual a sua opinião sobre a necessidade de negar algo para seu aluno?
- 8) Que conseqüências você acha que pode acarretar a falta de limites na educação da criança?
- 9) Alguma vez você teve necessidade de ajuda para disciplinar seus alunos? A quem recorreu?
- 10) Qual a responsabilidade dos professores na questão dos limites?

**ANEXO III – Termo de Consentimento****UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da pesquisa: Família x Escola: a questão dos limites à criança na perspectiva de pais e professores.**

Eu ..... abaixo assinado(a), dou meu consentimento livre e esclarecido para que minhas netas participem como voluntárias do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade das pesquisadoras Dr<sup>a</sup>. Cristina Maria de Souza Brito Dias e Elizabeth Regina Carneiro Barbosa, professora da Universidade Católica de Pernambuco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1) O objetivo da pesquisa é conhecer como percebo a colocação de limites na educação da criança.
- 2) Durante o estudo responderei a uma entrevista, realizada de forma individual.
- 3) Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação na referida pesquisa.
- 4) Estou livre para interromper a qualquer momento a participação na pesquisa, a não ser que esta interrupção seja contra-indicada por motivo médico.
- 5) Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho exposto acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada.
- 6) Poderei contactar o Comitê de Ética da UNICAP para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa, o qual encaminhará o procedimento necessário.

Recife, de de 2004.

\_\_\_\_\_RG do participante

**ANEXO IV – Autorização do Comitê de Ética da UNICAP**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA**

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP**  
Registro nº 25000-050953/2004-81 CONEP/CNS/MS, de 22/04/2004

Recife, 19 de novembro de 2004.

**PARECER CEP Nº 119/2004**

O Comitê, em reunião do dia 18 de novembro de 2004, considerou em **APROVADO**, o projeto de nº **CEP 113/2004**, intitulado:

**Família x escola: a questão dos limites à criança na perspectiva de pais e professores**, que tem, como pesquisador(a) principal:

Prof(a) Dra. **Cristina Maria de Souza Brito**

**RESUMO DO PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

O estudo não apresenta riscos de agravos éticos e está em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, com a Declaração do Helsinque e com o Código de Nuremberg para experimentação humana.

Valemo-nos da oportunidade para solicitar-lhe que, ao consultar a UNICAP/PROPESP, indique o número do processo já referenciado.

Atenciosamente

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos  
*Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP*

Profa. Dr<sup>ã</sup>. Arminda Saconi Messias  
*Coordenadora de Pesquisa*